

## PREFÁCIO

Você tem em mãos um precioso livro: simples e objetivo.

Contendo sete capítulos por demais interessantes, este livro é uma pequena ferramenta que poderá ser utilizada na preparação de futuros capelães no Brasil.

É um livro de fácil leitura onde ao final de cada capítulo, o leitor encontrará conclusões práticas aplicáveis à *Capelania*. Além destas conclusões práticas, o leitor também será desafiado com questões para reflexão e análise, com exceção aos dois capítulos finais.

O autor, Reverendo Osvaldo Chamorro, chileno radicado no Brasil há muitos anos, domina com maestria a “*última flor do lácio, inculta e bela*” e por isso nos presenteia com um texto saboroso e de deliciosa leitura. Sabemos das dificuldades ele vem enfrentando desde que foi submetido a uma cirurgia craniana para retirada de um “corpo estranho” entre o osso e a membrana meninge. Esta cirurgia deixou sequelas que infelizmente tirou do autor uma certa qualidade de vida, mas somos gratos pela vida dele e pela oportunidade de desfrutar este livro.

O ministério de *Capelania*, como os demais ministérios da Igreja do Senhor Jesus Cristo, exige capacitação, treinamento e dedicação. Neste sentido, esta pequena obra se apresenta para o auxílio nas diversas *Capelarias* que vão surgindo Brasil afora.

Os quatro capítulos iniciais apresentam uma deliciosa hermenêutica dos primórdios da igreja cristã, quando com o surgimento dos problemas iniciais, levaram a comunidade cristã a criar, inconscientemente, a primeira ideia de

*Capelania*. Inconsciente, mas em perfeita harmonia com a missão da igreja do Senhor Jesus Cristo.

A igreja do Senhor Jesus Cristo é, por definição de missão, comunidade capelã. Não tem como ela cumprir fielmente sua missão de igreja no mundo sem o desenvolvimento do ministério da *Capelania*. Ela é capelã do mundo. Ela, a igreja, é o projeto de Deus para a cidade e seus cidadãos.

O capítulo seis irá mostrar, de forma direta, a importância de um capelão bem preparado. Nas palavras do autor, é “aspecto essencial” para o bom exercício do ministério da *Capelania*. O último capítulo apresenta as opções de *Capelania* que existem atualmente em nosso país, mostrando as necessidades espirituais e principalmente as oportunidades que vêm surgindo e as portas que estão se abrindo para novos desafios à igreja cristã no Brasil. Neste sentido, o autor apresenta o conceito de *Capelania* em desastres. Conceito novo e desafiador. Enquanto lia sobre esta *Capelania* lembrei-me de Brumadinho e do desafio que foram aqueles dias tristes para Minas Gerais e para o Brasil. Momentos de crise também são momentos de oportunidades. Enfim, neste último capítulo, o autor apresenta a “cereja” do bolo. A mais nova e mais inovadora *Capelania* em voga no Brasil: a *Capelania* Empresarial. Uma ampla porta que está se abrindo à influência e ministério da igreja cristã brasileira.

Assim, recomendo a leitura deste precioso livro. Certamente ele será ferramenta que irá auxiliar todas as *Capelancias* existentes no Brasil.

Boa leitura!

Ailton Gonçalves Dias Filho  
Pastor Presbiteriano.

## INFORMAÇÃO NECESSÁRIA

Este livro foi escrito pelo Rev. Osvaldo Abraham Chamorro Vergara, ao atender um pedido meu. Sou Diretor de Treinamento e Comunicação da 'Associação +1 Capelania Empresarial no Brasil', e temos a visão e necessidade de ministrar cursos sobre esta matéria, Capelania Empresarial, para atender à demanda, cada vez maior e mais crescente, de capelães que pudessem atuar no ambiente corporativo.

Não tínhamos um livro base que servisse aos alunos de cursos que começamos a ministrar. Assim surgiu a demanda...

O Rev. Osvaldo começou a preparar este livro com este objetivo, colocando observações interessantes e formulando questões entre os capítulos para que alunos tivessem a oportunidade de ter uma visão do ministério de Capelania e da capelania praticada dentro das empresas.

No meio do projeto o Rev. Osvaldo ficou seriamente enfermo. Isso o impossibilitou de continuar com a mesma lucidez, embora mantivesse vivo o carinho pelo trabalho que iniciara. Com a ajuda de sua esposa Juanita e sua filha Patrícia, fomos revisando os assuntos, organizando as ideias e terminando o livro.

Só pela graça! Deus nos ajudou! Deus é bom, sempre!  
Louvado seja o Senhor!

Rev. Edilaney Duarte Gonçalves  
Auxiliar do escritor.

## INTRODUÇÃO

*“Há homens que lutam um dia, e são bons; há outros que lutam muitos dias, e são muito bons; há homens que lutam muitos anos, e são melhores; mas há os que lutam toda a vida, esses são os imprescindíveis!” - Bertold Brecht*

Quando ouvimos falar hoje em capelania, vem-nos à memória uma atividade essencialmente altruísta, de ajuda e amparo social. Onde a misericórdia se faz necessária na sociedade, haverá, provavelmente, uma atividade de capelania. O olhar misericordioso que brota de um coração piedoso nos remete ao ensino de Jesus na sua parábola do bom samaritano. Desse modo, é inconfundível tratar da capelania como uma resposta ao desafio de Jesus de sermos sal e luz da terra. E, ainda mais remotamente, à aliança de Deus com Abraão: “Sê tu uma bênção... em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.2,3).

Na caminhada da história cristã, vemos homens e mulheres se afadigando em viver a sua fé colocando-a em prática, em obediência, amor e desafio lançado pelo apóstolo Tiago em sua epístola (Tg 2.14 e ss). A fé é atestada pelas obras. Assim como Eusébio de Cesareia nos conta em sua narrativa dos fatos por ele coligidos sobre os cristãos do primeiro século:

*“Dizem que este Marcos foi o primeiro a ser enviado ao Egito, e que ali pregou o Evangelho que ele havia posto por escrito e fundou igrejas, começando pela de Alexandria... Em primeiro lugar, no livro que intitulou “Da vida contemplativa ou Suplicantes”, Fílon deixa bem estabelecido que não acrescentaria ao que contasse, nada contrário à verdade nem de sua própria criação. Diz que eram*

*chamados **terapeutas**, e as mulheres que estavam com eles **terapeutisas**, e comenta as razões de tais nomes: ou porque como médicos livravam aqueles que os cercavam dos sofrimentos causados pela maldade às almas, curando-os e cuidando deles, ou pela limpeza e pureza de seu serviço e culto à divindade.*

*Portanto, não é necessário estender-se discutindo se Filon colocou-lhes ele mesmo este nome, escrevendo o nome que correspondia à índole desses homens, ou se na verdade já se chamavam assim aos primeiros quando começaram, já que o nome de cristãos ainda não era bem conhecido em qualquer lugar.” (História Eclesiástica, XVI; e XVII 3,4).*

A Capelania vem nutrir-se deste espírito de **diakonia** cristã, verdadeiros terapeutas e terapeutisas que buscam tratar da alma e do corpo.

Interessante, por isso, saber que a etimologia da palavra que nomeia este movimento de beneficência remonta ao séc. 4, por meio de **Martinho de Tours**. Voltamo-nos ao que nos informa a enciclopédia digital Wikipédia.

Viveu no século IV, uma época de importantes transformações e pleno crescimento da fé cristã. Martinho de Tours teve um importante papel nessas mesmas transformações ao ter sido, primeiro, um convertido à religião cristã e, depois, um dos impulsionadores de uma maior cristianização da Europa, cujo processo avançou significativamente na sua época.

Martinho nasceu três anos após o Edito de Milão que foi promulgado pelo imperador Constantino (306–337) no ano de 313, e que havia concedido aos cristãos liberdade de culto.

Foi discípulo de Hilário de Poitiers, um dos doutores da Igreja, que se notabilizou na Teologia, e também foi contemporâneo de outro importante doutor da Igreja, Agostinho de Hipona (354–430). Embora Martinho fosse um homem culto, foi na ação prática da caridade, ensino, fundação e construção de igrejas, de mosteiros e de escolas que se distinguiu e notabilizou.

A sua ação missionária e pedagógica, além de outras, foi muito importante na cristianização da Gália, sendo o mesmo apelidado de apóstolo da Gália, ou “Pai das Gálias”, indo além deste território natal, influenciando outras províncias ocidentais do Império Romano. A sua ação educativa, caritativa e religiosa revelar-se-ia fundamental além do seu tempo, deixando um legado cultural e religioso que perdurou para além da queda do Império Romano do Ocidente, no ano de 476, e que faz parte da formação da própria civilização cristã europeia. Foi um dos fundadores do monasticismo na Europa Ocidental. Devido à sua vida exemplar, foi reverenciado ainda em vida.

Sua vida entrelaça-se com a história da Capelania por um fato singular de sua biografia, que alguns a tem por lenda. Assim lemos na Wikipédia:

“Aos 15 anos de idade, no ano de 331, para tê-lo mais à sua volta, seu pai o alistou na cavalaria do exército imperial contra a própria vontade. Mas se o intuito do pai era afastá-lo da Igreja, o resultado foi inverso, pois Martinho continuava praticando os ensinamentos cristãos, principalmente a caridade. Prestou serviço na Gália, atual França, no entanto, mesmo como soldado da cavalaria do exército romano, jamais abandonou os ensinamentos de Cristo. Foi nessa época que ocorreu o famoso episódio do manto, que poderá ter ocorrido no ano de 337, próximo da cidade de Samarobriwa/Ambiano, atual Amiens, capital da Picardia. Um dia um mendigo que tiritava de frio pediu-lhe esmola e, como não tinha, o cavalariano cortou seu próprio manto com a espada, dando

metade ao pedinte. Contam os relatos escritos que, durante a noite, o próprio Jesus lhe apareceu em sonho, usando o pedaço de manta que dera ao mendigo e agradeceu a Martinho por tê-lo aquecido no frio. Dessa noite em diante, ele decidiu que deixaria as fileiras militares para dedicar-se à religião.”

Esse pedaço de manto, originalmente parte da proteção do cavalariano romano, era de couro, que chegava até as ancas do cavalo. O pedaço cortado, em latim, *capela*, pequena capa, em português, passou a designar o ofício de capelania, pois Martinho, em seu gesto de misericórdia, dividira seu próprio manto.

O baú onde posteriormente foi guardado o manto cortado de Martinho, recebeu o nome de *capella* e os soldados guardiães da relíquia foram denominados *capellani* ou capelães em português.

Criou-se o costume de levar o baú com o manto aos campos de batalha, à semelhança da Arca no Antigo Testamento. A ideia era semelhante: a relíquia garantiria vitória. Era montada uma tenda especial para ela. Era nomeado, para essas incursões, um sacerdote para realizar ofícios religiosos campais e para aconselhamento aos fracos e feridos.

A ideia prosperou, sendo replicada até em tempos de paz. Primeiro na França e depois chegando a Roma. Até que, finalmente, estabeleceu-se como um costume em outras instituições oficiais: Parlamento, colégios, cemitérios e prisões.

Voltando aos nossos tempos e justificando, assim, a importância para a sociedade moderna da atividade da capelania, vemos que a própria sociologia contempla a atividade surgida da atitude voluntária de segmentos da sociedade que se identificam com as necessidades do próximo e se organiza para supri-la, como pertencente ao **terceiro setor**.

A Wikipédia define este movimento organizado na sociedade como “... *uma terminologia sociológica que dá significado a todas as iniciativas privadas de utilidade pública com origem na sociedade civil.*”

A importância em nossos dias do serviço cristão de capelania se insere na cada vez mais complexa, intensa e conflitiva vida humana e suas interrelações. Os dramas da existência humana e suas demandas tem se agigantado sobre as pessoas, exigindo delas porção dobrada de atenção, precauções, domínio próprio e tomada de decisões, para as quais não se encontra mais habilitado, como antigamente, quando estruturas tradicionais – leis, religião e laços familiares conseguiam conter as avalanches que assediavam nossos antepassados. A pós-modernidade, se por um lado beneficiou o ser humano, libertando-o de amarras e proibições sociais, culturais e normas de moral e ética, jogou sobre ele todo tipo de conflito resultante dessa implosão de estilo de vida do passado. O “proibido proibir” do final da década de 1960, explodiu como uma bomba no colo do homem comum, que agora nem sabe mais quem ele é...

Nesse estado de coisas, o grito de Paulo nas masmorras de Filipos, no século 1, deve voltar a ecoar neste mundo pós-moderno: “***Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!***” (At 16.28). Edilaney Duarte Gonçalves, em sua obra de pós-graduação **Implantação do Ministério de Capelania Empresarial**, com vistas à sua ordenação para o Sagrado Ministério na Igreja Presbiteriana do Brasil, pelo Presbitério de Americana, conclui com sensatez, justificando seu trabalho acadêmico: “*A mensagem de Deus precisa ser relevante na solução de problemas apresentados pela sociedade pós-moderna, visto que aí, problemas como solidão, carências de afeto, tédio, relacionamentos conflitantes, vazio de alma, moral pervertida e sensação de inutilidade, precisam e devem ser tratados pela Palavra de*

*Deus conforme Mateus 11.28-30 e pela ação de sua Igreja (Romanos caps 12 a 16)”. (Págs. 2 e 3 da obra mencionada).*

Neste livro, você encontrará uma abordagem essencialmente bíblica e cristã, não só para justificar a existência da Capelania e seus desdobramentos em capelarias específicas, conforme as necessidades na sociedade moderna, mas um incentivo à igreja para que veja, nesta atividade de capelania, uma forma de cumprir a missão evangelizadora proposta por Cristo aos que o seguiam.

Desde já, quanto a isto, devemos alertar que o sentido da missão deve ser bem mais amplo que o simples proselitismo - encher os bancos das igrejas e nossas estatísticas que justifiquem o sucesso das nossas atividades! Essa influência secularista da sociedade capitalista que mede o êxito da atividade eclesial pelas planilhas recheadas que se nos mostram, com certeza classificará a atividade de Capelania como secundária, não prioritária na Igreja, se pretendemos que as profissões de fé os batismos angariados por ela justifiquem sua prioridade.

É o amor e a misericórdia que devem nos mover; iluminar o caminho dos perdidos e cansados; é a empatia que provoca nosso sentimento mais profundo de identidade com o ser humano, não importando se ele virá encher nossas igrejas. A Capelania, em seu sentido mais profundo e amplo, norteia-se pela recomendação do sábio: “*Lança teu pão sobre as águas...*” (Ec 11.1).

Seguindo essa filosofia de trabalho, nos próximos capítulos você encontrará várias abordagens que esmiuçarão o trabalho da Capelania em geral, seguindo uma análise do serviço que Deus impõe aos cristãos, desde o início, quando incute na liderança entre outros ministérios, a **diakonia**, o serviço que, ao ser ministrado aos outros, é prestado também ao próprio Cristo. “... *Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te*

*vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25.37-40).*

## Capítulo 1

### Koinonia x Diakonia

*Não devemos contentar-nos em falar do amor para com o próximo, mas praticá-lo. - Albert Schweitzer*

Nos seus primórdios, a igreja cristã, chamada também de primitiva, incipiente, exerceu naturalmente seu espírito de *koinonia* (comunhão), quando cada um tinha prazer em abrir as portas de casa para receber, alegremente, seus irmãos. O capítulo 2 de Atos nos deixa ver essa fraternidade voluntária, hospitaleira, jovial. Não se vislumbram regras para isso. O que os une é uma fraternidade febril, idílica, utópica; *“Tinham tudo em comum”*. Se pudéssemos imaginar um ritual tácito, subentendido, era de que a hospitalidade parecia ser nos horários das refeições, quando reunidos para comer: *“...perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações.”* Para muitos, o *partir do pão* teria um significado litúrgico, sacramental. Parece-me forçado imaginar que desde o princípio houvesse regras e rituais, quebrando assim o que, a meu ver, era tão espontâneo e natural. Afinal, praticar a **koinonia** não requer mandamento nem ritual preestabelecido, pois é fruto natural de quem nasceu de novo em Cristo. Posteriormente Paulo dirá, referindo-se à prática do fruto do Espírito, contra o qual *“não há lei”* (Gl 5.23b).

A **koinonia** será uma experiência surpreendente, embriagante, se lembrarmos que grande parte dos primeiros cristãos era de origem judaica. Tinham vivido o tempo todo sob o aio da lei. O espírito nomista impregnara a vida por inteiro de cada judeu. As leis, estatutos e decretos pesavam sobre cada um com uma força tão natural como o próprio respirar. As relações sociais, comunitárias e familiares

regulamentavam o agir e o pensar. A tensão hermenêutica era um peso constante. Amar o próximo, mas odiar o inimigo (Mt 5.43) representava uma árdua tarefa de interpretação, de identificação do próximo, e de controle das emoções e ações. Nesse contexto Jesus conta a parábola do bom samaritano, e Paulo desafia seus leitores em Roma, no capítulo 12 de sua carta dirigida a eles, a que, uma vez identificado o inimigo, mude-se o tratamento da Lei, pela misericórdia de Cristo: “... se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber” (Rm 12.20).

Neste contexto é introduzido o ministério em algum outro lugar, além muros, da **diakonia**. Em linhas gerais, o serviço a Deus prestado ao próximo, é um ato concreto de ajuda e serviço ao próximo, como caráter de culto a Deus; não era novo, nem desconhecido. Anunciado outrora na aliança abraâmica, o serviço missionário a todas as nações fazia parte intrínseca do projeto de Deus. Escolherá um povo mediante o qual a luz da perfeita divindade irradiará para toda a humanidade: “... em ti serão benditas todas as famílias da terra. Sê tu uma bênção!” (Gn 12.3b,2b). Esta aliança e seu cumprimento por parte de Israel, teria a função que Cristo ensinaria no sermão do monte, ao desafiar seus discípulos a ser sal da terra e luz do mundo: “... para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem ao vosso Pai que está no céu” (Mt 5.16b). Aliás, Isaías já profetizara declarando que a aliança divina com Israel cumpriria a função de ser “luz para as nações” (Is 42.6).

Assim, esta aliança de Deus com seu povo pressupunha uma ação constante, permanente deste povo, em serviço ao mundo. Esta ação fraterna aos povos, cumpriria a missão de fazer Deus conhecido entre os povos, de tal maneira que a aderência à fé ao Deus de Abraão fosse uma consequência natural, provocada por uma admiração profunda: “Guardai-os, pois, e cumpri-os, porque isso será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos

*povos, que ouvirão todos estes estatutos, e dirão: Este grande povo é nação sábia e entendida. Pois, que nação há tão grande, que tenha deuses tão chegados como o Senhor nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E que nação há tão grande, que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei”?* (Dt 4.6-8).

Mas Israel falhou nesta missão. Preferiu praticar apenas a **koinonia**, deixando em segundo plano a **diakonia**. A opção de se fechar numa visão étnica, ao invés de se abrir ao mundo, de alguma forma frustrou o plano missionário de Deus. Assim argumenta Timóteo Carriker, em seu livro **O caminho missionário de Deus**: “Quando Israel subordinava as implicações universais da aliança a dimensões étnicas, seu relacionamento com *lahweh* se deteriorava. Assim, Israel se apegou a uma identidade exclusivista como forma de defesa, ignorante de que tal procedimento já enfraquecera seu relacionamento da aliança. Quando o povo de Deus chegava a tal ponto de orgulho introvertido, os profetas lembravam-no que não tinha nenhuma vantagem sobre as nações (Amós 9.7)” (Pág. 48).

Na década de 1980, o Presbitério de Campinas, da Igreja Presbiteriana do Brasil, fez uma acurada pesquisa entre as igrejas, preocupado com o baixo índice de crescimento de algumas igrejas a ele jurisdicionadas. Decidiu visitá-las em horário da Escola Dominical para ouvir dos membros e não apenas do conselho de presbítero, o que achavam de tal situação. Na ocasião, como presidente do Presbitério, coube-me esta missão, com mais alguns presbíteros e pastores que compunham essa comissão de visita. Fomos a uma dessas igrejas. A recepção foi cordial, fraternal. A conversa foi boa e amigável. Não houve acusações nem subterfúgios. O argumento que predominou na análise da situação foi claro e singelo: “*Para que crescer e receber gente estranha, que não conhecemos? A nossa comunhão aqui dentro é tão gostosa e abençoada!*”

Como vemos, esse embate entre koinonia e diakonia vem até antes dos primórdios da caminhada cristã. Mas na igreja primitiva ele surge com força avassaladora, pondo em xeque praticamente a própria existência da incipiente comunidade. Se não houvesse uma intervenção firme de Pedro e dos demais apóstolos a apoiá-lo, teria surgido ali a primeira dissidência interna. A Igreja judaica perderia seu braço helenístico. É o que relata o famoso capítulo 6 de Atos.

*“Ora, naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano. E os doze, convocando a multidão dos discípulos, disseram: Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio. Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra. E este parecer contentou a toda a multidão, e elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, e Filipe, e Prócoro, e Nicanor, e Timão, e Parmenas e Nicolau, prosélito de Antioquia; e os apresentaram ante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos”. (At 6.1-6).*

Quem eram esses helenistas? Eis algumas informações sobre o assunto, no livro "Jerusalém nos tempos de Jesus" de J. Jeremias, citado por Douglas Stuart e Gordon Fee, no livro *Entendes o que Lês?*, da Editora Vida Nova.

1. Os helenistas eram judeus de idioma grego, ou seja: judeus da Diáspora que agora estavam morando em Jerusalém.

2. Era visível que o cristianismo alcançara profunda penetração entre esses judeus de fala grega, tal era o número de helenistas convertidos, de tal modo que os sete eleitos eram de origem grega. É de se supor que alcançaram a maioria dos votos oriundos dessa identidade.
3. Em Atos 6.9 somos informados que tinham uma sinagoga própria, chamada Dos Libertos. Desse grupo saíram os apedrejadores de Estêvão.
4. Muitos desses helenistas voltaram para Jerusalém, em idade mais avançada, para morrerem e serem enterrados perto do Monte Sião. Visto que não eram nativos de Jerusalém, quando morriam suas viúvas não tinham meios regulares de sustento.
5. Estas viúvas eram cuidadas por subsídios diários; este sustento causava um peso econômico considerável à Igreja de Jerusalém.

Por que as viúvas dos judeus estavam sendo servidas, enquanto as dos helenistas, preteridas? A única resposta plausível é que os distribuidores do alimento diário tinham por natural assim fazê-lo, contando com a aquiescência da maioria, até que a injustiça se revelou gritante. A murmuração, o comentário velado e crítico, substituíram o espírito tão fraternal e amoroso do capítulo 2. A *koinonia* entre iguais é fácil. Jesus já tinha alertado sobre o desafio de ir além a nosso amor e comunhão: “... se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos igualmente assim?” (Mt 5.46). E todos tinham abraçado a nova fé, que desafiava a prática de um novo mandamento: que se amassem uns aos outros, assim como Cristo os amara. Eram todos cristãos, mas com aceção clara entre eles por origem étnica!

As palavras dos apóstolos e a obediência a elas irão inaugurar uma nova visão à missão da igreja: “*Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarreguemos deste serviço*” (At 6.3). Surge na comunidade, com força de mandamento, a escolha de pessoas propositalmente designadas para olhar o povo e suas necessidades com misericórdia, amor, preparo e autoridade. É a *diakonia*, que faz toda a igreja ser sensível às necessidades do outro, com um compromisso de ir ao seu encontro e mitigar, satisfazer seu clamor, mesmo velado e silencioso.

De alguma forma, entendemos que o trabalho de capelania se insere neste espírito de serviço voluntário e caridoso, decidido e vocacionado, que reconhecido pela comunidade, lhe concede autoridade. Surgem homens e mulheres que interna e externamente cumprirão seu chamado de “servir às mesas” enquanto outros, também reconhecidos e dotados de autoridade, se dedicam à oração e à pregação da Palavra.

No próximo capítulo, nos propomos a explicar o assunto, a partir das características propostas como condições “*sine qua non*” para a eleição desses sete homens de Atos 6. A capelania também tem seus atributos e condições para cumprir a contento a sua missão. É o que veremos.

## Conclusões práticas sobre este capítulo, aplicáveis à Capelania.

- Não nos iludamos: o amor, a comunhão e o serviço são fruto do amadurecimento da nossa fé. Não são próprios da natureza humana corrompida e decaída pelo pecado.
- Ser capelão não é decisão precipitada, fruto de emoção superficial e passageira. Não é razoável abraçar a missão hoje, e pelas agruras que se avolumam, abandoná-la amanhã.
- O treinamento do caráter cristão é fundamental para equilibrarmos a **koinonia** e a **diakonia**.
- No cumprimento da missão cristã, e da capelania em particular, não podemos esperar reciprocidade de atitude. Estamos lidando com a natureza humana em sofrimento e perplexidade, fruto de vidas sem Deus, ou de experiências traumáticas, quando a fé, muitas vezes, é suplantada pela descrença.
- No serviço ao próximo, temos que vencer a nós mesmos. Sentir e saber que precisamos praticar nossos dons não é o bastante para pôr em ação a teoria perfeita. O conforto da zona na qual nos encontramos, muitas vezes fala mais alto para preferir permanecer onde estamos do que ir avante, além das nossas fronteiras.
- Não nos lancemos à empreitada por conta própria. As decepções com a instituição eclesial, por um lado, e a espiritualidade subjetiva por outro, são muitas vezes argumento forte para exercermos um ministério autônomo, automeado, avulso e sem controle superior.
- Uma coisa é o compromisso individual de sermos sal e luz do mundo; outra coisa é o cumprimento de um ministério e chamado de Deus em Seu nome,

representando o Corpo de Cristo. Não podemos rejeitar o apoio, reconhecimento e oração do povo de Deus. Nunca é superficial nem prescindível.

- Finalmente, um alerta: a ortodoxia nem sempre nos leva necessariamente a uma ortopraxia. O que aprendemos e defendemos ser o correto, na vida pessoal e no cumprimento da missão, nem sempre termina redundando em atitudes coerentes. Não esqueçamos que mesmo conscientes do que devemos fazer, encontramos um obstáculo poderoso neste processo: nós mesmos. “*O bem que eu quero fazer, não faço. E o mal que detesto, surpreendo-me em verificar que é isso mesmo que eu pratico. Miserável homem que eu sou!*” diria o apóstolo Paulo, sincero e quebrantado! (Rm 7.15-25).

### **Questões para reflexão e análise:**

1. *Koinonia* ou *diakonia*, qual das duas é mais complexa e difícil na práxis cristã?
2. “O amor seja sem hipocrisia”, dirá Paulo em Romanos 12.9a, assim como a fé, sem fingimento, como escreve a Timóteo (2 carta, cap. 1.5). É possível a prática da *koinonia* e da *diakonia* com estas terríveis falhas de caráter?
3. O exercício da Capelania exige um esforço concentrado de abnegação e altruísmo, mais que outros ministérios paraeclesiásticos, porque os outros se revestem de um caráter proselitista – angariar membros. Mesmo assim, parece aplicar-se a condenação feita por Jesus em Mateus 7.15-23, um alerta sobre os falsos profetas. Qual é sua opinião?
4. A comunhão, intramuros, seria um empecilho para a missão fora das quatro paredes?

5. A necessidade de crescimento espiritual e material pode ser alegada, para que a missão que não produz resultados palpáveis seja deixada de lado?
6. “*A koinonia entre iguais é fácil?*” Afirmamos isto neste capítulo, mas não podemos desconhecer que, por vezes, o tratamento ao estranho e com o estranho, parece ser mais brando e cordial do que com o da “família da fé”. Qual sua experiência a respeito?
7. Neste caso, também é lícito pensar sobre a necessidade de valorizar e lutar em favor das relações fraternais, tanto da família da fé como da família dos vínculos de sangue. Paulo levanta esta questão prática com relação àqueles que pensam estar aptos a exercer cargos de liderança eclesial, mas têm sido derrotados em sua liderança familiar (1 Tm 3.4,5).

## **Capítulo 2**

### **Homens de boa reputação**

*Amo o cristianismo, mas odeio os cristãos, pois não vivem segundo os ensinamentos de Cristo. - Mahatma Gandhi*

No capítulo anterior, vimos a solução de um grave problema que estava a assombrar a igreja primitiva. Mal nascera, em Jerusalém, com seus três mil convertidos, consequência do sermão de Pedro no Pentecostes, mais os cinco mil, após a cura do coxo na porta Formosa, por Pedro e João (At 2 e 3), e já surgira um embate entre *koinonia* e *diakonia*. É de se supor que desses oito mil convertidos, um número bem menor permaneceu, tendo em vista que muitos estavam em Jerusalém vindo de outras regiões. Estavam ali para as comemorações da festa judaica do Pentecostes. A história bíblica silencia a esse respeito.

Devemos supor que o número de cristãos se contava aos milhares. Ninguém parecia fazer nenhum esforço em viver numa comunhão tal que, guardadas as proporções da privacidade do lar, as portas dos cristãos viviam abertas, para receber quem quer que fosse; bastava para isso se identificar como cristão. Partir o pão de casa em casa, como resume o texto de Atos 2.46, nos faz imaginar esse ambiente de intensa comunhão. Os bens materiais eram considerados absolutamente secundários, em vista da euforia espiritual reinante – o temor espiritual dominava o ambiente, o pão era partido na casa de um e de outro, os apóstolos faziam milagres (prodígios e sinais), as orações se elevavam unânimes; e como coisa de mínima importância para a sobrevivência material da família, cada um vendia a sua propriedade, e o dinheiro ia para um fundo comum, do qual

lançavam mão os que tinham necessidade. Era um santo comunismo, uma utopia espiritual e material.

Esse ambiente de euforia e bendita insensatez permitiu que decidissem criar um tipo de refeitório em algum espaço maior cedido por um crente abastado. É que tinham percebido que viúvas de origem judaica e helenista não tinham familiares que as acudissem. Ou terminaram ficando nesse estado de penúria, passando fome, por terem se convertido ao cristianismo, e seus parentes, permanecendo no judaísmo. A narrativa bíblica, também se cala a esse respeito.

Somente somos informados que equipes voluntárias distribuía o almoço às queridas irmãs. Eram muitas. No começo, não se via distinção; não havia problema; mas deve ter passado pouco tempo até a rotina se estabelecer. A origem étnica começa a ficar evidente. Os costumes e o idioma fazem que os grupos apareçam. Judia senta com judia; grega senta com grega. E assim, estas últimas começam a ser preteridas, enquanto as outras são preferidas. Por quê? Cada um tira suas conclusões, o que começa a provocar um estado de insatisfação sutil e crescente, desembocando no que a narrativa de Lucas em Atos 6 chama de murmuração (RA e RC) ou queixa (NVI e NTLH).

O ambiente outrora tão verdadeiro e profundo dera lugar a uma disputa surda e baixa por comida! O pecado latente do ser humano se rebela e surge, por vezes indomável, até “nas regiões celestes”, que é a igreja, Corpo de Cristo!

A *diakonia*, antes incipiente e voluntária, precisará de normas e leis que a regulamentem e estabeleçam, restabelecendo o equilíbrio e maturidade entre a *koinonia* e a *diakonia*. “Aos pobres sempre os tereis convosco” (Jo 12.8), lembrara Jesus pouco antes, ecoando o que dissera Moisés em Deuteronômio 15.11. Isto nos deveria manter alertas e sensatos.

Assim, a primeira qualificação daqueles que seriam eleitos para restabelecer a ordem e o equilíbrio entre a espiritualidade e a materialidade na igreja seria: homens que tenham boa reputação (RA e RC); homens de bom testemunho (NVI); homens de confiança (NVLH).

Como essa multidão teria condições de conhecer seus futuros líderes, a ponto de escolhê-los simplesmente assim, sem nenhuma indicação, propaganda, apresentação, apoio, lista prévia ou qualquer outro método de divulgação de intenções? Mais uma vez, a narrativa se cala a esse respeito. Não detalha a metodologia.

A democracia, como a conhecemos, necessita desse conhecimento prévio para que o eleitor possa votar. É necessário que se conheça o candidato. Aliás, esta palavra vem de **candidus**, que significa branco, cândido. Diz-se que na Grécia antiga, berço da democracia, os candidatos vestiam uma túnica branca, para demonstrar a limpeza de sua vida oferecendo-se para o serviço público, assim como as suas boas intenções para o exercício do cargo. Uma túnica branca era o símbolo de sua vida reta, conhecida publicamente. O eleitor saberia discernir se essa roupa corresponderia perfeitamente, em seu significado, a quem a vestia.

Os apóstolos destacam as qualificações dos candidatos. O povo que votava deveria levar isso em conta. Nesse contexto crucial de tomada de decisão, o **bom testemunho, a boa reputação e a confiança** eram itens primordiais. Aqui tangenciamos a doutrina da vocação, que se manifesta naturalmente na igreja, que é quem, em última instância, reconhece o chamado, prepara, consagra e envia. É a chave de Pedro (Mt 16.19) que em perfeita harmonia com o céu, entende que lá é aberto, e assim abre na igreja; e quando no Reino de Deus se fecha, na igreja devemos também fechar. A igreja precisa ouvir Deus para escolher seus líderes. Deve ter a convicção de que, aquele que é colocado como líder possui as características que Sua Palavra requer.

*Hiperetologia* é a palavra técnica que define a doutrina da vocação. Uma interessante informação sobre o assunto a encontramos descrita pelo Rev. Marcos Inhauser, em seu artigo semanal no jornal Correio Popular, de Campinas:

*“A palavra vem do verbo grego “uperetês” que quer dizer servir, fazer serviço pesado, remar, trabalhar e o substantivo que significa servo, assistente, oficial subalterno. Vem também do verbo hebraico “kara” que significa chamar alguém de maneira efetiva. Em Isaías 42.6 e 48.12, o vocábulo correspondente na língua grega é kalein, kaleu, que significa chamar, convocar, convidar. O substantivo que surge é klesis que quer dizer chamado, vocação, convocação. Os dois verbos juntos ligam dois conceitos, a saber: chamado e serviço. Não é um chamado e um serviço qualquer. É o chamado de Deus para uma vida de reconciliação com Ele e de glorificação ao Seu nome por meio do serviço prestado ao próximo. Em outras palavras: vocação é chamada de Deus ao homem para que ele se torne parte do corpo de Cristo, que é a Igreja e, em segundo lugar, para que O sirva em todas as suas relações com o próximo”.*

Em face do mercado da fé, em nossos dias, que não se importa com a vocação divina, mas com resultados financeiros, a palavra caiu em desuso. Por isso, Inhauser conclui:

*“Ser pastor”, “bispo” ou “apóstolo” {capelão, eu acrescentaria} é uma questão de mercado e não mais de vocação, de chamado, de experiência íntima com Deus que se manifesta no*

*atendimento do rebanho, reconhecido por este como sendo vocacionado. Não é uma questão de salário, mas de consagração. Ainda bem que ainda existem os verdadeiros vocacionados, que ministram ao rebanho por amor, com suor e lágrimas, gente que se vê recompensada pelo brilho nos olhos das pessoas cuidadas e pastoreadas.”*

([http://correio.rac.com.br/\\_conteudo/2013/01/colunistas/inhauser/arquivos/23719-hiperetologia.html](http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/01/colunistas/inhauser/arquivos/23719-hiperetologia.html), consultado no dia 24/03/2017).

A primeira convicção de que estamos decidindo certo é quando verificamos o bom testemunho, a reputação, a confiabilidade. A *diakonia* precisa ser exercida com esta fundamental condição; afinal, é a própria igreja que está sendo posta em xeque a cada atitude que este líder revela ao exercer sua vocação.

Quantas vezes a igreja é jogada na lama da desconfiança e do descrédito, por meio de seus líderes de dúbia reputação; líderes que, no abuso de suas funções, têm provocado escândalo dentro e fora da comunidade da fé. Não à toa, nas Epístolas Pastorais, Paulo desce a detalhes comezinhos da cultura local, para regulamentar o comportamento daquele que aspira a um cargo de liderança. Os princípios do fruto do Espírito estão todos lá.

Que ninguém venha a desprezar ou negar a autoridade do líder, por este não ter sido capaz de se refrear nas pequenas coisas. Do contrário, como poderá assumir as grandes?

Dessa forma, parece que a boa reputação, o bom nome são não apenas condições de vida espiritual pregressa, mas uma questão mais profunda, de caráter, de ética na vida. Jesus orienta que devemos aprender a olhar a árvore pelo fruto (Mt 7.16 e ss). Parece claro aqui que, conforme a

parábola, o fruto é apenas consequência de todo um processo natural, cujo fator fundamental para se ver o resultado final que trará a aprovação ou não do fruto, é o tempo.

A precipitação em impor as mãos sobre um neófito traz graves consequências (1 Tm 5.22), assim como transpor etapas na maturidade da uva não produz vinho bom; apenas vinagre.

Por esse motivo entendemos claramente que a liderança na igreja primitiva era exercida por presbíteros, com naturalidade e reconhecimento da comunidade. A palavra **presbítero**, vem do grego, que significa ancião, e deve ser entendida tanto na sua literalidade, como uma pessoa de mais idade entre seus pares, como também em sua experiência. É uma pessoa que já foi testada pelas lutas da vida, e saiu vitoriosa. Alcançou bom testemunho, dos de dentro como também dos de fora. Cornélio, o centurião romano e temente a Deus, é exemplo admirável de ter alcançado não só a bênção divina, mas o bom testemunho de toda a nação judaica (At 10.22). A narrativa da morte de Dorcas e de como, a pedido dos que a conheciam, Pedro faz o milagre da sua ressurreição, é outro exemplo de sua alta reputação no exercício da misericórdia. Suas obras falavam por si (At 9.36 e ss).

Na nossa introdução, mencionamos a narrativa dos primeiros cristãos em Alexandria, tendo Marcos como seu missionário. É uma história singular, narrada por Eusébio de Cesareia, o historiador magno da Igreja Primitiva. De tal maneira repercutiu a vida, testemunho e ações destes homens e mulheres de Deus, que os circunstantes lhes deram o carinhoso apelido de **terapeutas** e **terapeutisas**. Por ser um apodo voluntariamente aplicado aos primeiros cristãos, há que se reconhecer que, aliado ao eficaz anúncio do Evangelho, a pregação das Boas Novas era acompanhada umbilicalmente por atitudes de verdadeira empatia, simpatia e identificação com os necessitados.

É o que se espera de líderes vocacionados. Que tenham **empatia**. Que cheguem a chorar com quem chora e se alegrar com quem se alegra, como recomenda Paulo em Romanos 12.15. O envolvimento emocional é facilmente identificado por aquele que é objeto de amor e misericórdia. Com palavras fortes, Paulo afirma que o verdadeiro cristão que vai ao mundo, deve ter cuidado para que esse amor demonstrado ao próximo não seja eivado de falsidade, de hipocrisia (Rm 12.9). Que seu temperamento seja sazonado com **simpatia**, assim como os irmãos da igreja primitiva, que por serem afáveis, simpáticos, atraíam naturalmente os que iam sendo salvos (At 2.47). Acolher os outros com simpatia é meio caminho andado para criar uma ponte de amizade e confiança. Aquele que vai ao mundo cumprir a missão dada por Cristo sabe que, ao ser sal, encontrará podridão e vida sem sentido; ao ser luz, oferecerá saída aos que estão cegos, perdidos, sem rumo. A verdade é que só pode cumprir esta missão de misericórdia e compaixão, aquele que tem consciência que um dia também foi um perdido, desgraçado, infeliz, pobre, cego e nu (Ap 3.17). Que, sem Deus na vida, vagueava sem esperança, mas agora alcançou misericórdia (Tg 2.10). Agora, por experiência própria, pode se identificar com o necessitado, sabendo que um dia também foi um deles. Possuir esta capacidade de se conectar a pessoas de todas as origens é um pré-requisito muito importante para ser um capelão.

Desta forma, ser um terapeuta do corpo e da alma passa a ser um privilégio, uma oportunidade e uma verdadeira vocação. Estes cristãos alcançam merecido e bom testemunho, tanto dos de dentro, como dos de fora da comunidade da fé.

Estamos caminhando assim neste capítulo, para argumentar a favor de um capelão que, desta forma, tenha alcançado a aprovação dos que lhe reconhecem esta qualidade ímpar. Afinal, um capelão oferece orientação

espiritual a pessoas que enfrentam circunstâncias difíceis. Por exemplo, hospitais, prisões, instalações militares e outros. Como capelão, seu papel é entrar em contato com pessoas que precisam de orientação e oferecer aconselhamento e conforto àqueles que estão doentes, confinados ao lar ou afastados de casa a serviço. (Ao final deste livro, oferecemos informações mais pormenorizadas a respeito dos diversos ministérios abrangidos pela capelania evangélica brasileira).

## **Conclusões práticas sobre este capítulo, aplicáveis à Capelania.**

- Algumas pessoas que buscam orientação espiritual podem não pertencer a uma determinada religião. Para ser um bom capelão, é importante estar aberto e aceitar todos os tipos de crenças religiosas, até mesmo aquelas diferentes da sua. Pode ser até que tenha que cumprir seu ministério orientando pessoas com crenças e práticas religiosas opostas à sua.
- Esteja ciente que seu trabalho fará que você tenha que lidar com pessoas estranhas. E pode ser que só venha a interagir com ela nesse momento; especialmente no caso de capelania hospitalar, carcerária, cemiterial etc. Isto fará que seu contato tenha sempre o caráter de urgência e de diálogo direto. Não gaste tempo com superficialidades. Aproveite a ocasião para orientações e aconselhamento direto, profundo e concentrado na vida espiritual. Afinal, as circunstâncias da vida pessoal naquele momento são de caráter urgente e imediato.
- Para conquistar a amizade e a confiança do seu interlocutor, certifique-se de oferecer logo no início do contato, a confidencialidade e segredo. Quando as pessoas o procuram para pedir ajuda, elas compartilham informações sigilosas na expectativa de que estas não sejam divulgadas. Assim como um advogado ou um psiquiatra que deve manter a confidencialidade, espera-se que você faça o mesmo.
- Quanto possível, esteja disponível sempre. As limitações de tempo e trabalho são reais, mas não devem ser empecilho para que sua ajuda esteja à

disposição constante do necessitado. Ofereça algum meio de comunicação no qual você esteja disponível. As pessoas enfrentam crises espirituais a qualquer momento, até em horários inoportunos, mormente no meio da noite. Dependendo de seu trabalho normal, talvez você precise largar o que está fazendo ou acordar a qualquer hora para ajudar aqueles que estão com problemas. Ser abnegado assim não é da natureza da maioria das pessoas; pode ser exaustivo e obrigá-lo a pagar um preço por isso. É essa generosidade de espírito que torna os capelães pessoas especiais.

- Mesmo assim, devemos ser equilibrados quanto a isto, preservando a rotina familiar e sua privacidade. É normal estipular estas limitações a quem vamos orientar, limitações que são normais, necessárias e até salutares.
- Faça desta postura um hábito constante, sem exceções, para preservar sua saúde emocional e espiritual. O capelão não é um super-homem.

Extraído e adaptado da apostila ***Três passos para você se tornar um capelão evangélico***  
[www.institutodeteologialogos.com.br](http://www.institutodeteologialogos.com.br)

## Questões para reflexão e análise:

1. Qual a sua opinião sobre a rejeição às viúvas gregas? Por quê?

2. Você acha que a igreja perdeu seu sentido missionário de “ide por todo o mundo”?

3. O apóstolo Pedro preferiu orar e dedicar-se à Palavra do que servir às mesas. Você acha estranha a decisão tomada por ele?

4. Pela decisão do apóstolo, parece ser uma linha espiritual. Porém, o apóstolo Tiago (Tg 2.14-16) parte por outra linha: de que adianta o lado espiritual sem suprir o material?

No próximo capítulo, abordaremos a segunda qualificação daquele que, sendo vocacionado por Deus, aceita o chamado divino que se manifesta na comunidade dos salvos, a igreja de Cristo, conforme vemos em Atos 6. Se o bom testemunho é a primeira pré-condição, a segunda é tão importante como aquela, a **sabedoria**.

É o que veremos...

### Capítulo 3

## Homens cheios de sabedoria

*“Cada dia sabemos mais e entendemos menos” - ALBERT EINSTEIN*

Sabedoria! O que é?

O senso comum tem suas definições, todas empíricas, tiradas da experiência diária. Interessante é verificar que na sua origem latina – **sapere**, há um toque de experiência popular. Significa “o que tem gosto, sabor. Seria a vastidão de conhecimento transformando a vida em algo bom de se viver. O conhecimento em si é árido como uma pedra. A sabedoria é o tempero.

Quando adentramos ao saber erudito, verificamos que a **sabedoria** encontra raízes na filosofia, na teologia e na psicologia. Pode se dizer que a sabedoria é a qualidade que dá sensatez, prudência, moderação à pessoa, ao passo que para a religião é o "conhecimento inspirado nas coisas divinas e humanas."

Para os antigos gregos, a deusa da sabedoria era Atena; era sua presença e influência que, se supunha, mantinha em equilíbrio a sociedade e a civilização para não regredir à barbárie; assim sendo, esta divindade seria também a detentora da verdade e da justiça e protetora da cultura.

Segundo o conceito judaico-cristão, Deus, em sua palavra revelada, é a fonte do saber. Nas tradições escritas, conforme o apócrifo Livro do Eclesiástico 1.5, "*Fonte de sabedoria é a palavra de Deus nos céus*". Também, como se aprende em Tiago, é em N'Ele que temos que buscar a sabedoria que nos será dada liberalmente (Tiago 1.5); e mais, trata-se de sabedoria pura, pacífica, indulgente, misericordiosa e de bons frutos, sendo imparcial e sem

fingimento (Tiago 3.17). Sendo atributo divino, segundo escritos diversos, a sabedoria é um objeto de estudo da teologia. Este conceito, em forma absoluta, nos leva à construção da verdade teológica de que todas as ciências estão subordinadas a Deus e ao conhecimento da divindade. Este conceito começou a ser cristalizado no século XIII pelo clérigo e filósofo São Boaventura de Bagnoreggio: entender as coisas equivalia a entender a Deus, que é a sabedoria e o criador - e seus ensinamentos estão nas Escrituras Sagradas; para se atingir a sabedoria, portanto, era necessário compreender as palavras de Deus, e assim poder fazer uso do pensamento humano em equilíbrio entre a mística e o intelecto.

A psicologia também apresenta o conceito de sabedoria neste sentido. A sabedoria estaria relacionada à experiência, à maturidade que o indivíduo adquire com a vida, em contraposição ao talento - que é uma habilidade natural; e à perícia, ou conhecimento técnico.

Este raciocínio é recente, quando a partir de 1990, começaram os estudos das formas variadas da inteligência. Mas uma década antes, a pesquisa empírica da sabedoria, associara-se à compreensão da inteligência, de forma metodologicamente científica; concluiu-se, assim, que o caráter das pessoas consideradas sábias identificava-se com os seguintes atributos: conhecimento, compreensão e experiência.

A sabedoria, assim, é algo relacionado à aquisição de conhecimento, mas isto vem crescendo dos aspectos emocionais e afetivos que, quando resultam num comportamento adequado, podem levar a um nível excepcional do tirocínio da pessoa: ou seja, ela avaliou, sentiu e lidou com uma situação problemática de forma ponderada, sensata e equilibrada.

Num resumo dos conceitos implícitos, a sabedoria envolve inteligência, maturidade e criatividade - refletindo estado de espírito e comportamental equilibrados; numa análise mais profunda e básica, seria uma característica própria da personalidade humana mais aperfeiçoada, levando o ser humano a um estilo de vida sóbria, encontrando nela praticamente o significado da própria existência e a conduta da vida. Seria, numa linguagem erudita, o equilíbrio entre a ortodoxia e a ortopraxia, entre a teoria e a prática. *(Conclusões do autor a partir de informações colhidas no site Wikipedia, no tópico “sabedoria”, acessado no dia 24 de março de 2017).*

Voltemos nossa atenção à narrativa de Atos 6.

Por que a sabedoria era tão importante? Podemos afirmar que era dramaticamente uma questão de vida ou morte da igreja!

A maravilha dessa igreja nascendo, com tudo o que conhecemos e admiramos de Atos 2: o Pentecostes, as línguas, as maravilhas de Deus compreendidas simultaneamente entre mais de 16 idiomas e dialetos, a defesa e sermão de Pedro, que com simplicidade mas com poder do Alto toca em muitos corações, cinco mil convertidos, mesmo que alguns zombassem; a vida comunitária idílica, quando as barreiras do individualismo dão lugar a uma comunhão intensa e febril; a pureza da intenção de todos, portas escancaradas dos lares, os crentes perseverando nas orações e na doutrina dos apóstolos; os milagres e sinais feitos no seio dessa comunidade simpática que provoca admiração e espanto em toda Jerusalém; muitíssimos sacerdotes aderindo irresistivelmente à fé ...

Tudo isso perigava virar pó. A profecia de Gamaliel pairava espantosamente ameaçadora sobre toda a igreja:

*Mas, levantando-se no conselho um certo fariseu, chamado Gamaliel, doutor da lei, venerado por todo o povo, mandou que por um pouco levassem para fora os apóstolos; e disse-lhes: Homens israelitas, acautelai-vos a respeito do que haveis de fazer a estes homens, porque antes destes dias levantou-se Teudas, dizendo ser alguém; a este se ajuntou o número de uns quatrocentos homens; o qual foi morto, e todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos e reduzidos a nada. Depois deste levantou-se Judas, o galileu, nos dias do alistamento, e levou muito povo após si; mas também este pereceu, e todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos. E agora digo-vos: Dai de mão a estes homens, e deixai-os, porque, se este conselho ou esta obra é de homens, **se desfazá**, (grifo nosso) mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la; para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus (At 5.34-39).*

A morte da igreja estava decretada! Seria apenas uma obra de homens, desfazendo-se como pó, se não fosse tomada uma providência urgente! Surgiriam duas alas irreconciliáveis – judeus e helenistas. Seriam dominadas pela amargura e desconfiança de um amor que seria apenas fingido. E tudo por um prato de comida! A murmuração corria solta: nos corredores, nos cantos das casas, nos encontros fortuitos e de propósito, nas ruas e becos de Jerusalém. O comentário azedo da crítica velada e dura contra os distribuidores da merenda diária para as viúvas. Justamente elas, que desde os tempos antigos deveriam ser objeto, junto com os órfãos, de demonstrações de caridade e amor, para que não fossem desprezadas. O cuidado com estes desfavorecidos era um pedido direto de Deus. “*Aprendeí a*

*fazer bem; procurai o que é justo; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas” (Is 1.17). Essa seria a verdadeira religião. “A religião que Deus, o nosso Pai aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades” (Tg 1.27).*

De quem terá saído a ideia estapafúrdia de, havendo comida para todas, somente servir as viúvas dos judeus, deixando de lado as viúvas dos gregos? E de tal maneira deve ter defendido sua vileza, que veio a convencer outros para cometer a mesma baixeza? O que motivaria esse gesto ignóbil, insensível e cruel? Esse nacionalismo egoísta e orgulhoso continuava latente entre cristãos de origem judaica, contra todo espírito cristão de misericórdia e amor! Bem, na verdade, a história de Israel era farta de experiências tristes incluindo cardápios, comida, ou a ausência dela. Parece-me haver vislumbres disso já na primeira família, quando Abel oferece carne no sacrifício e culto a Deus, enquanto seu irmão Caim prefere mudar o cardápio, oferecendo legumes. O prato de lentilhas com o qual o astuto Jacó compra a primogenitura de seu irmão Esaú é emblemática. Por vezes, a comida e a sobrevivência parecem ser mais importantes do que atitudes de ascetismo espiritual, vistos como uma forma de controlar os apetites físicos. A ciência explica que, devido a esse instinto básico, comemos até demais, numa atitude controlada pelo inconsciente, para fugir da possibilidade de não ter o que comer. As guerras no tempo dos juízes não eram outra coisa senão defender as colheitas dos heteus, amalequitas, midianitas, amorreus, ferezeus; povos em volta de Israel que pilhavam os cereais duramente cultivados. A necessidade de comida suplantava qualquer outra carência. Até mesmo a espiritual. A vida nômade dos povos do deserto até hoje, deve-se basicamente à necessidade básica de buscar mantimento que sustente as pessoas e o gado. Uma história bem conhecida é aquela que Deus terminou transformando em bem o que

terminou sendo uma tragédia. Foi a terrível experiência de Elimeleque, sua esposa Noemi e seus filhos Malom e Quiliom. Por falta de pão, tiveram que migrar para Moabe. Tremenda ironia, morando eles em Belém, *Casa do Pão*, foi ter que ir buscar seu sustento em terras estrangeiras. As guerras do passado geralmente foram motivadas por comida ou a falta dela. A grande odisseia que deu origem ao povo de Deus começou quando Jacó e os seus tiveram que descer ao Egito em busca de comida! Muitos exemplos ainda poderiam ser citados, extraídos da história de Israel.

De fato, o mandamento antigo era conhecido:

*“E te lembrarás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, e te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias os seus mandamentos, ou não. E te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecestes, nem teus pais o conheceram; para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem” (Dt 8.2,3).*

O pão, como símbolo de todo alimento, da própria subsistência humana, de tal forma é vital, que o próprio Jesus o inclui, como uma petição que devemos fazer todos os dias: *“... o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”* (Mt 6.11). Seria esse instinto bruto de preservação que justificaria a decisão estapafúrdia de cortar o alimento das viúvas gregas? *Alea jacta est!* A sorte estava lançada. O destino da igreja passava por uma decisão rápida, definitiva, categórica. O mal devia ser cortado pela raiz. A sabedoria é um ingrediente imprescindível para a solução de qualquer conflito, seja ele da natureza que for.

A igreja sobreviveria na medida em que a solução fosse drástica, definitiva, equilibrada, sábia. É a primeira vez que vemos o voto da maioria definir um caminho a ser seguido, líderes serem escolhidos pelo voto da maioria. E Lucas comenta que esta proposta dos apóstolos: “*agradou a toda a comunidade*” (At 6.5a). É atribuída a Winston Churchill, o grande estadista inglês do século 20, a definição bem humorada do que seja a democracia: “*A democracia é a pior forma de governo, salvo todas as demais formas que têm sido experimentadas de tempos em tempos*”. O voto de todos os cristãos reunidos naquela assembleia, seguindo a orientação dos apóstolos, escolheu os sete homens de boa reputação, cheios de sabedoria e do Espírito Santo.

Interessante é verificar, pelos nomes dos escolhidos - Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Parmenas e Nicolau (At 6.5), todos eram de origem grega! A maioria dos membros da nascente igreja seria de origem grega? Ou até os irmãos de origem judaica percebendo a injustiça feita, terminaram votando em irmãos helenistas para reparar o dano feito? Com certeza, na multidão dos convertidos haveria mais homens com as qualificações requeridas. Contudo, foram escolhidos esses irmãos, que além de representarem democraticamente a vontade da maioria, foram pessoas escolhidas por Deus. O Espírito Santo influenciou cada voto, cada coração e consciência, para que fossem eleitos os que Ele queria, e assim fossem investidos de autoridade divina, espiritual e eclesiástica para iniciarem um novo tempo na comunidade. Acabam-se os murmúrios, as contendas, o comentário pequeno e desairoso. Toda a comunidade entende que essa decisão teve o dedo de Deus, de cada membro que votou, e da sabedoria dos apóstolos que encaminharam esta solução tão oportuna e equânime.

Na Bíblia, em suas diferentes traduções, encontramos bons sinônimos para diversificar e explicar melhor a sabedoria: Prudência, domínio próprio, maturidade,

discernimento, sensatez, autocontrole, temperança. Interessante o contraste que Paulo faz em 2 Timóteo 1.7, ao admoestar seu filho espiritual, e agora pastor da igreja em Éfeso, o jovem Timóteo. Ele estava perdendo o entusiasmo no pastorado; quem sabe os problemas se avolumavam e ele, tímido e até covarde – assim Paulo lhe lança em rosto, estava perdendo a unção espiritual outrora em plenitude, mas agora morrendo: *“Te admoesto que reavives o dom de Deus que há em ti pela imposição de minhas mãos”* (v. 6). Diante desse quadro de catástrofe iminente, alarmado, Paulo desafia seu filho a que reverta este quadro, com estas palavras duras e incisivas: *“Porque Deus não nos tem dado espírito de **covardia**, mas de poder, de amor e de **moderação**”* (v. 7). Eis aí o contraste aludido anteriormente: covardia versus moderação. No NTLH encontramos medo versus prudência. Na Bíblia Ave Maria, o contraste é entre timidez e sabedoria. As versões King James e NVI usam a palavra covardia contra equilíbrio. No grego, Paulo escreve **σωφρονισμού**, (*sofronismou*) que numa tradução pessoal, literal, seria algo como *“calmo vigor da mente”*. Então, quando entendemos esta palavra como sinônimo de sabedoria, prudência, equilíbrio, parece haver uma referência a uma atitude real de autocontrole, domínio próprio, maturidade. Assim, a sabedoria não é um conceito abstrato, um estado mental fruto de algum conhecimento profundo e etéreo. É uma postura concreta diante da vida e de suas vicissitudes.

Encontramos em Paulo um contraste semelhante também em 1 Coríntios 13.11, o grande capítulo do amor: *“Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.”* As coisas de criança tinham ficado para trás. Essa etapa foi vencida. Agora vamos atrás de desafios maiores, próprios da maturidade.

Sou chileno; mesmo que o espanhol e o português sejam idiomas surgidos da mesma raiz latina, alimento uma

curiosidade inesgotável de entender este meu segundo idioma, suas nuances, morfologia e as inúmeras expressões idiomáticas da cultura popular. A criatividade do povo parece não ter fim. Fazem parte do cotidiano expressões como “quebra essa”, “levar vantagem em tudo”, e outras afins, que expressam o espírito brasileiro de ser, o famoso “jeitinho brasileiro”. A irresponsabilidade cordial, o improvisado, a despreocupação com o cumprimento da palavra empenhada, do cargo assumido, do horário combinado seriam consequência desta característica quase “ontológica” do brasileiro. Esta alegre infantilidade, para alguns, teria justificativa devido ao clima tropical!

Gosto muito de crianças; por vezes, até mais que lidar com adultos. Mas quando um adulto age como criança, as consequências são trágicas para ele e para todos que o rodeiam. É impossível saber quando essa pessoa está brincando e quando está falando sério. É exasperante, lamentável e triste concluir que nada de maior responsabilidade pode ser confiado a esse tipo de pessoa. Seria um fracasso total.

A sabedoria é medida pela maturidade, pela sobriedade, pelo equilíbrio, pelo autocontrole, pelo domínio próprio. Há algum tempo atrás a fábrica de pneus Pirelli lançou no Brasil uma nova linha de pneus que prometia uma performance inigualável de firmeza e segurança. A peça publicitária era perfeita. Mostrava-se um pneu em forma de um punho fechado. O slogan preparado pelos marqueteiros era genial. Dizia: **“A força não é nada sem controle”**. É o **“calmo vigor da mente”** que garante a plenitude da sabedoria posta em prática. Assim, “pavio curto”, “não levo desaforo pra casa”, “faço de qualquer jeito”, “Deus sabe mesmo que sou imperfeito”, “Ele conhece o coração, a intenção”, são expressões que revelam completa imaturidade, mas são muito comuns em nosso meio!

Jeremias 48.10, num contexto terrível de guerra, condena todo aquele que fizer a obra do Senhor relaxadamente, desse modo sendo culpado da derrota perante o inimigo. O trecho é autoexplicativo, direto.

Gosto também do Salmo 101: “*Cantarei a bondade e a justiça; a ti, SENHOR, cantarei. Atentarei **sabiamente** ao caminho da **perfeição**. Oh! Quando virás ter comigo? Portas a dentro, em minha casa, terei coração **sincero**. Não porei coisa injusta diante dos meus olhos; aborreço o proceder dos que se desviam; nada disto se me pegará*”. (Sl 101.1-3). Meus grifos destacam atitudes concretas de sabedoria e maturidade.

Voltando ao nosso texto principal, de Atos 6, uma vez eleitos, os Sete, como chamados em outro lugar, devem agir com o máximo de sabedoria, como assim fora requerido deles. De maneira nenhuma poderiam agir com um mínimo de parcialidade. Cairiam na tentação de, por ser todos de origem grega, preferir agora atender com esmero, amor e carinho as viúvas deles, em detrimento das judias? De modo nenhum! Era isso que tinha provocado todo o drama!

O agir destes líderes foi de tal modo perfeito, atilado e simpático, que Lucas, o narrador de Atos, conclui aliviado, depois de a igreja ter resolvido essa celeuma: “*Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé*” (At 6.7).

Resolvido o drama, o problema dá lugar agora à paz, à pregação da Palavra, e à obra plena do Espírito Santo, que converte poderosamente, fazendo a igreja crescer.

## **Conclusões práticas sobre este capítulo, aplicáveis à Capelania.**

- A sabedoria é elemento fundamental para o trabalho do capelão. Requer-se dele palavras sóbrias, adequadas, oportunas. As emoções devem estar totalmente sob controle para não cair na armadilha de responder agressivamente quando o interlocutor é áspero.
- A sabedoria deve estar em ação para tomar decisões que irão impactar a vida do consulente.
- O dever de ser guiado pelo autocontrole é evidente e necessário, tendo em vista que é o capelão quem deve guiar o diálogo, não o aconselhado. O paciente está abalado emocionalmente. A visão da situação em questão está prejudicada. O capelão, em perspectiva, pode avaliar a situação com mais equilíbrio.
- A sabedoria deve dominar até a postura, equilibrada e condescendente. Qualquer gesto que revele autoritarismo, insensibilidade, superioridade, levantará uma barreira intransponível entre o capelão e seu interlocutor.
- A sabedoria deve guiar as palavras do capelão, de tal modo que, mesmo sendo gentil e afável, a orientação seja assertiva e positiva, não dando lugar a dúvidas.
- O capelão deve ter cuidado extremo para evitar prejulgamento, baseado na aparência externa, ou português claudicante, errado. Todos os que o procuram devem ser atendidos com a mesma atenção e amabilidade, seja o homem “chão de fábrica” ou o gerente executivo engravatado.
- A sabedoria impõe uma postura firme e decisiva. A solução deve ser buscada sem subterfúgios, “sem enrolar”.

- A sabedoria deve estar presente para discernir o que é de imediata intervenção, daquilo que é a mediano e em longo prazo.
- A sabedoria deve permitir uma solução que envolva participativamente o aconselhado; o capelão deve evitar quanto possível o caminho fácil da decisão imposta, clichê, repetitiva. Faça a pessoa participar da solução.

### **Questões para reflexão e análise:**

1 – De onde vem a verdadeira Sabedoria, conforme ensinamentos do livro de Tiago? Leia Tiago 1 e Tiago 3 e veja como obter e quais as características desta sabedoria.

2 – Repito aqui uma pergunta feita sobre a narrativa de Atos 6: Por que a sabedoria era tão importante frente às decisões que haveriam de ser tomadas?

3 – A sabedoria pode ser medida pela maturidade, sobriedade, equilíbrio, autocontrole e domínio próprio! Pense em como essas qualidades podem impactar os trabalhos de um capelão!

## **Capítulo 4**

### **Homens cheios do Espírito Santo**

*“Fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti.” - Santo Agostinho*

“... homens cheios do Espírito Santo” é a última exigência apostólica que agora passamos a estudar. De fato, na ordem original do texto em tela, esta é a segunda característica dada pelos apóstolos. A sabedoria seria consequência natural de quem é cheio do Espírito Santo. Por uma questão de análise e ênfase, deixamos este quesito para analisá-lo agora.

Mas antes, é necessário reconhecer, com justiça, que o ser humano foi dotado pela dádiva da criação, de sabedoria, fruto da experiência e do conhecimento. A ciência concorda que esta capacidade faz de nós *homo sapiens*, elevando-nos acima dos outros seres do reino animal. Nem sequer o enorme avanço tecnológico de nossos dias, com os esforços de aperfeiçoar dia a dia o que se convencionou chamar de inteligência artificial, alcançou ainda um décimo da capacidade humana de raciocínio, criatividade, bom senso, sabedoria, enfim.

Isto tudo, entendemos, é fruto primordial da capacidade humana, com a qual Deus dotou a humanidade. A *Imago Dei* é parte *sine qua non* da existência humana. O DNA do homem carrega a essência de seu Criador. E mesmo que o pecado tenha de tal maneira corrompido a natureza humana, enfraquecendo-a a ponto de torná-la mortal, a imagem de Deus é o que nos faz entes morais, conhecedores do bem e do mal. Calvino afirma que a imagem de Deus ficou praticamente irreconhecível em nós, pecadores, rebaixando-

nos à condição de totalmente depravados perante a santidade divina.

Assim, mesmo em ínfima medida, somos entes possuídos de sabedoria inerente. Ela é que permite que a humanidade tenha avançado em todas as áreas do conhecimento humano, século após século.

Agirmos com sabedoria e civilizadamente, com um comportamento que nos faça integrantes da sociedade humana de forma a nos adequar às normas da cultura reinante, são atitudes que se esperariam de todos os seres humanos. Para isto, nos bastamos a nós mesmos. A graça comum, assim como a chuva e o sol, não distingue qualquer pessoa para que venham deles os benefícios da vida. Pessoas de bem, cumpridoras de seus deveres, trabalhadoras, honestas e justas segundo os padrões humanos têm feito a humanidade caminhar avante no progresso da civilização. Esta é, repetimos, a graça comum.

É a graça especial que nos abre os olhos da espiritualidade e da fé, mediante a qual nos é outorgado o Espírito Santo. Por isso, justificamos aqui o propósito pedagógico de deixar esta análise agora e não no capítulo anterior.

É o Espírito Santo que nos faz nascer de novo, como Jesus ensina a Nicodemos:

*“Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-*

*vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo 3.3-8).*

A natureza humana, decaída e pecaminosa é elevada à posição de filha de Deus. Paulo descreve de forma admirável esta mudança:

*“Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, – pela graça sois salvos, e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Ef 2.1-6).*

Esta é a única possibilidade de que alguém possa cumprir a regra imposta pelos apóstolos para poder servir às mesas. Ter nascido de novo; ter sido ressuscitado da morte espiritual para a vida abundante prometida por Jesus. Nada do que se faça na igreja pode ter algum valor verdadeiramente espiritual se não for desse jeito. Jesus usou a simples comparação de uma videira para que seus discípulos pudessem entender. Ele é a videira e nós, os galhos. Temos que estar ligados a Ele para poder produzir frutos. E Ele

conclui, magistralmente: “*Porque sem mim, nada podeis fazer!*” (Jo 15.5b). Ninguém há de assumir nada para fazer, senão por meio de Jesus e no poder do Espírito Santo. Se assim não for, será apenas petulância humana. E como encontramos na igreja atual pessoas desse tipo! Orgulhosos de si mesmos e das condições humanas que os acompanham, mas não têm nada de Deus.

Deus abre mão, feliz, de pessoas como essas que imaginam que na força de seu braço possam fazer alguma coisa na igreja. “Deus precisa da minha ajuda.” “A minha fé, o meu jejum, o meu dízimo.” “Sem mim, esta igreja não vai a lugar nenhum.” “Há anos carrego esta igreja nos meus ombros.” “Se eu não me envolver nessa batalha, Deus está perdido.” “Já que Ele está à porta e bate (Ap 3.20a), abra a porta, por favor; coitadinho de Jesus, passando frio e fome. Dê uma chance para Jesus.” Essas e outras expressões semelhantes são ouvidas de pessoas que se arvoram ao direito de se acharem imprescindíveis, podendo ser úteis a Deus com o que tem e com o que são sem a graça divina.

Podemos concluir, lamentavelmente, que se esta foi condição imprescindível para servir às mesas, significa que quem o estava fazendo, não dispunha desta credencial.

Aqui adentramos a uma conversa que tem dado discussão no meio evangélico. O que os apóstolos exigem na cláusula pétrea é: **cheios do Espírito Santo**. É possível ter o Espírito Santo mas não ser cheio dEle? Nossos irmãos pentecostais têm concluído deste e outros textos que é necessária a segunda bênção, o batismo com ou no Espírito Santo, para que o crente seja realmente crente. E esta etapa, a segunda bênção, deverá vir acompanhada de sinais externos, preferencialmente o dom de línguas. Sem pretender provocar debate inútil, como se houvesse apenas uma interpretação sobre o assunto, creio que podemos concluir, em uníssono, que o Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade; que Ele veio cumprir o pedido de Cristo, como

vemos em João 14.16 em diante, de vir ao nosso encontro, não nos deixando órfãos; esses rogos de Cristo junto ao Pai fazem que o Espírito Santo seja identificado como o **Parakletos**, o “chamado para estar junto” (que é o que significa); que por ser de natureza espiritual, Ele habita **dentro de nós**; que Ele, cumprindo a sua missão, aplica em nós tudo o que Jesus conquistou na cruz; que Jesus não é apenas nosso Salvador, mas fundamentalmente nosso Senhor; que Deus não dá o Espírito por medida (Jo 3.34); que sem o Espírito não há salvação, pois não há novo nascimento sem Ele; que é possível entristecer o Espírito (Ef 4.30); até extingui-lo! (1 Ts 5.19).

Concordamos com estas afirmações bíblicas? Então, devemos reconhecer que, mesmo vivendo a vida nova da salvação em Cristo, pelo Espírito, não basta só sermos salvos por Cristo. É necessário aceitarmos seu senhorio. É o que a Bíblia fala de “plenitude do Espírito Santo” (Ef 5.8). Interessante que Paulo compara esta plenitude, ou ser cheio, como quem bebe vinho e passa do ponto, embriagando-se. Para se embriagar, quem bebe vinho tem que beber não só socialmente, um pouquinho; tem que beber muito, para que o álcool faça o efeito embriagador. Os leitores originais de Paulo sabiam muito bem disso. Então ele usa esse conhecimento empírico para dizer: “Encham-se do Espírito Santo; embriaguem-se com Ele; não tomem só um pouquinho”. É um mandamento – enchei-vos; é para todos – está no plural; é um dever constante – está no tempo presente. Mas, é possível eu me controlar; querer só um pouquinho da sua influência, do seu ensino, da sua direção, da sua admoestação; Ele não nos obriga a nada, se não quisermos. Daí é possível entender a possibilidade de haver crentes carnais, como Paulo critica os irmãos de Corinto (1 Co 3.1-3).

Concluindo: Os apóstolos querem que, quem se disponha a obedecer, a se esforçar, “na força que Cristo dá”, viva na plenitude do Espírito Santo. É uma verdadeira luta

espiritual. É necessário que brotem constantemente os frutos do Espírito, não os da carne (Gl 5.16-25). Interessante verificar que Paulo afirma as duas verdades ao concluir este ensino; “*Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito*”. Se Deus, com o seu Espírito, nos fez viver, então vivamos como filhos dEle, e não em rebeldia e desobediência; prove que você nasceu de novo vivendo em novidade de vida.

Esta perseverança espiritual, que também chamamos de santificação, vida de santidade, é o que se requer de todo crente, ainda mais daquele que ocupa posto de liderança. “*Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão*”. (1 Co 15.58)

Era primordial que esta vida de santidade dominasse as mentes e corações dos sete eleitos. Percebe-se que mesmo todos havendo cumprido os requisitos para realizar a tarefa, alguns se destacaram mais que os outros, como Estêvão: “*homem cheio de fé e do Espírito Santo*”, e Filipe, que se tornou um grande evangelista (At 8). Significa que mesmo a plenitude do Espírito Santo não é igual para todos, mas a consagração e obediência, sim.

Todos foram consagrados com imposição das mãos, e assim realizaram a excelente missão para a qual tinham sido eleitos e incumbidos – servir às mesas.

## Conclusões práticas sobre este capítulo, aplicáveis à Capelania.

- Do nosso ponto de vista cristão, a capelania é obra essencialmente espiritual.
- Os dons humanos são meros coadjuvantes, ferramentas usadas livremente pelo Espírito Santo, como Ele quiser.
- Assim sendo, a doutrina da vocação aqui é fundamental. Nós não escolhemos sermos capelães. O Espírito Santo nos vocacionou, nos chamou pelo nome para cumprir o que Ele de antemão planejou.
- Isso nos anima e consola. Fazemos o nosso trabalho para o qual fomos chamados – servir às mesas – aconselhar, orientar, consolar, mas quem produz o resultado é Aquele que nos chamou e designou.
- Não nos arvoremos ao direito de ir por vontade própria.
- É a comunidade da fé que reconhece o chamado, consagra e envia. De alguma forma, o capelão necessita e depende dessa confirmação eclesial.
- A presença e influência do Espírito Santo é condição *sine qua non* para o desempenho da missão. Isto deve ser claro e evidente.
- A missão requer uma consagração constante, um “encher-se contínuo” do Espírito.
- “Servir às mesas” parece indicar um grau de humildade necessário para que ninguém se vanglorie por qualquer fruto alcançado que não seja obra do Senhor. É o servo inútil que descobre que apenas faz o que lhe é requerido.
- A glória da capelania, como uma vocação específica, é saber que é grande privilégio fazer o que Deus mesmo me incumbiu para fazer. A variedade de dons e ministérios dados por Deus para edificação do Corpo

permite me alegrar por fazer a minha parte nesse crescimento harmonioso do Corpo de Cristo. No Senhor, meu trabalho não é vão.

### **Questões para reflexão e análise:**

- 1 – “Sem mim, nada podeis fazer” disse Jesus conforme João 15.5; Reflita como é impossível executar as boas obras de capelania se o Espírito Santo de Deus não estiver ‘em nós’!
- 2 – O novo nascimento caracteriza-se por uma vida nova, pelo Espírito de Deus. Pense se é possível ser um capelão cristão sem ser cheio desse maravilhoso Espírito! O que você pensa disso?

## Capítulo 5 Diversidade de ministérios

*"Como o caminho terreno está semeado de espinhos, Deus deu ao homem três dons: o sorriso, o sonho e a esperança. - Immanuel Kant*

No dia de Pentecostes nasceu a igreja!

Cento e vinte judeus tementes a Deus e obedientes a Cristo estavam reunidos, pois Ele lhes ordenara esperar até que do Alto fossem revestidos de poder. Estavam todos no Cenáculo, em oração, em santa expectativa, até que a bendita promessa se cumpriu, de forma audível e visível. Estrondo de trovão; fogo santificador! Eu vou pedir ao Pai, dissera Ele, para que mande outro igual a mim. Será o Paráclitos, o Consolador. Virá com poder, como profetizado por Joel, interpreta Pedro, tentando explicar o que acabara de acontecer naquele dia. Todos irrompem em alegria e louvor a Deus, anunciando em todas as línguas dos estrangeiros presentes à Festa Judaica as maravilhas de um Deus Pai, amoroso e perdoador, misericordioso e doador da vida, existência verdadeira, genuína e exclusiva. Era uma santa loucura divina, mais sábia que toda a compreensão humana. Pareciam embriagados. E de fato era assim, embriagados não de mosto ou vinho, mas do Espírito Santo.

Foi a irrupção divina no meio dos homens, um verdadeiro *eschatos*, semelhante ao que fora trinta e três anos antes, quando o Emanuel se fizera carne, cheio da glória do Pai. Nesse momento era o Espírito Santo, tirando do coração dos que seguiam Jesus qualquer sentimento de orfandade. Agora habitava seus corações, e com poder do alto esse *dunamis* que renovaria suas forças e ânimo para serem testemunhas da ressurreição de Cristo, a grande doutrina que

identificaria, doravante, essa nova religião designada como cristianismo.

Nessa tarde, em resposta ao sermão de Pedro, o Espírito Santo converteu os corações de três mil pessoas, na contagem em números redondos de Lucas, que nos conta o fato. E quando depois Pedro e João vão orar no templo e curam o coxo que pedia esmola, mais cinco mil acodem à irresistível Palavra pregada, que não voltou vazia.

Além disso, pelo comentário de Lucas em Atos 2.47, que os eruditos chamam de “nota editorial”, ficamos sabendo que mesmo sem um método específico de evangelização, as conversões continuam, pela simples simpatia que era criada entre o povo e a igreja, na liberdade do agir de Deus. O nascimento da igreja assemelha-se à teoria do *big bang* primordial da criação, uma verdadeira explosão de conversões, quase que de uma hora para outra.

Como imaginar esse turbilhão, essa multidão alvoroçada que toma conta de Jerusalém? Cantam, louvam, gritam, vão de casa em casa; comem juntos, oram, ouvem o ensino dos apóstolos, entusiasmam a outros; se reúnem onde? Onde caberia tanta gente? É um movimento amorfo, sem controle, sem mando. É um ajuntamento eufórico que começa a preocupar as autoridades competentes, tanto da política como da religião estabelecida. Como é mais importante obedecer a Deus do que aos homens, o testemunho do que viram e ouviram não para; ninguém pode deter esse tremendo movimento. Nem proibições, nem chicotadas, nem sofrimentos e prisões. A sensibilidade social está à flor da pele, a par do temor espiritual. Doam tudo, vendem propriedades, distribuem entre os pobres.

A repercussão deste alvoroço santo toma conta da região; a perseguição que começa após o apedrejamento de Estêvão, e segue com a morte de Tiago irmão de João, a prisão de Pedro, provoca a Diáspora, a fuga dos cristãos para territórios mais amenos, onde eles não se calam. O mal

redunda em bem. O melhor testemunho deste estado de coisas vem dos judeus de Tessalônica, tomados de inveja e ódio: “*Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui!*” (At 17.6b).

A imagem é comparável, *mutatis mutandis*, à saída do povo de Israel do Egito. A marcha alegre, triunfal, vitoriosa desses outrora escravos, agora livres. Não é à toa que essa narrativa e seu líder, Moisés, na linguagem e doutrina do Novo Testamento, passam a ser um *tipo* de Cristo. O redentor e libertador do povo escolhido das chamas do inferno, desarraigado do reino das trevas e transplantado para o reino da luz. Mas historicamente, tanto a um como ao outro, faltalhes uma estrutura. No passado distante, o Decálogo que Moisés vai buscar subindo ao monte; e na igreja, o estabelecimento de dons, *charismatas*, a graça divina que concede dons aos homens.

Essa metamorfose ambulante precisa tomar as feições de um corpo. Esse aglomerado festivo e inconsequente, vivendo uma utopia santamente comunitária (ou comunista?), não resistirá ao primeiro teste: Atos 6. Às pressas, e sem detença é necessário estancar a sangria de murmuração e desconfiança, de preconceito e injustiça. Essa explosão de conversões, indo de zero a dez mil em tão pouco tempo, corre o risco de implodir qual uma bolha de sabão pela falta de maturidade de alguns e incompreensão de muitos. Os apóstolos correm a impor uma solução, tal como Paulo, em Filipos, quando em meio às consequências desastrosas do terremoto, precisa gritar: “NÃO TE FAÇAS NENHUM MAL, que todos aqui estamos”. É que o carcereiro ia suicidar-se, imaginando que os presos sob sua custódia, tivessem fugido. A espada já estava em suas mãos para cometer o ato derradeiro. Bendito grito; oportuniíssima solução.

Assim, voltando à nossa história, surge o que a maioria dos comentaristas entende ter sido a instituição dos diáconos. Outros defendem esta formalidade eclesiástica na orientação

de Paulo nas Epístolas Pastorais. De uma ou outra forma, o fato é que permanece o espírito da *diakonia*, o servir às mesas como um serviço de culto e serviço a Deus. Esse serviço não só formaliza e institui a necessidade de um grupo que realizará a tarefa braçal, como por consequência, criará o status de outro grupo, que poderá se dedicar com exclusividade à oração e ao ministério da Palavra.

Quando Moisés, logo depois da saída do Egito, viu-se assoberbado de trabalho, julgando todos os casos, grandes e pequenos que o povo lhe trazia, o seu sogro, Jetro - Reuel (o nome do homem é Reuel e Jetro é a sua competência) aconselhou-o a se rodear de auxiliares. Estes resolveriam os problemas de menor monta, deixando a Moisés apenas a responsabilidade das graves questões. Ótima ideia! Assim se fez. E foi criada uma nova estrutura de auxiliares, aliviando o peso do Legislador. Assim também agora, na igreja nascente, surge uma nova estrutura – a da diaconia, que terá algumas normas mínimas para sua existência: 1) Serão sete; 2) Serão eleitos, não nomeados; 3) Deverão preencher requisitos bem específicos: (a) boa reputação; (b) cheios de sabedoria; (c) cheios do Espírito Santo. Assim, para novas funções, novos integrantes, nova consagração, nova respeitabilidade e autoridade eclesiástica.

Posteriormente com Paulo, especificamente nas Cartas Primeira aos Coríntios e Efésios, os dons e ministérios surgirão estabelecidos de tal modo na igreja, que seja possível vislumbrar um rumo definido, um planejamento estratégico, (no jargão dos CEOs do nosso tempo):

*“A graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo. E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação*

*do corpo de Cristo. Até que todos chegemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, ao homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo. Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina. Antes, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor” (Ef 4.7 ss).*

Quando o apóstolo fala aos irmãos de Corinto, precisa descer ao nível de crentes que ele chama de “carnais”. Daí uma linguagem mais, digamos, popular. Em primeiro lugar, ele tem que enfrentar com firmeza os líderes que por suas divisões e antagonismos estavam dividindo a igreja:

*“Porque ainda sois carnais; pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnais, e não andais segundo os homens? Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolo; porventura não sois carnais? Pois, quem é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o Senhor deu a cada um? Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Por isso, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1 Co 3.3-7).*

O orgulho humano, o cargo ambicionado, a disputa de poder, não se coadunam de forma alguma com o projeto de Cristo ao conceder dons aos cristãos. É esta disputa, às vezes

surda, outras vezes declarada, que tem dividido o Corpo de Cristo. Paulo admoesta duramente os irmãos. Não é possível que isso possa acontecer na igreja:

*“Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.*

*Ninguém se engane a si mesmo. Se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio” (1 Co 3.16-18).*

Em outro lugar, Paulo ensinará que individualmente somos templo do Espírito Santo (1 Co 6.19). Mas aqui, ele repreende duramente os líderes que com suas atitudes orgulhosas estão dividindo a igreja. Os dons dados por Deus são diversos, e todos são para **serviço**, não para ostentação. Ser ministro de Cristo, no seu sentido bíblico, antigo, é ser servicial; só modernamente passou a ter entre nós o sentido de “ilustre ocupante de cargo público”, quase honorífico.

Certa vez vinha eu de uma cerimônia de bênção nupcial, de casamento. Passava da meia noite. Com a minha família a bordo, eu vinha de terno e gravata, tranquilo, pela Rodovia dos Bandeirantes. Ao longe, um policial rodoviário fez sinal para eu parar. Quando cheguei perto, parei no ponto que me fora mostrado. Estava me preparando para cumprimentar o policial quando ele se adiantou a falar. Fiquei admirado pela sua súbita afabilidade no trato, até que ele me surpreendeu, dizendo: “Senhor ministro! Desculpe tê-lo detido; pode ir”, e fez um gesto respeitoso; quase se inclinando. O que aconteceu é que naquele tempo eu usava um adesivo redondo no canto esquerdo do para-brisa, onde se lia na curva superior: “MINISTRO”, e na curva inferior “DO EVANGELHO”, e no centro, o símbolo da Igreja Presbiteriana

do Brasil. Vendi posteriormente o carro, mas não pude resgatar o bendito adesivo; foi danificado.

Voltando a Paulo, gosto muito da sua forma jovial, quase divertida, como explica a diversidade de dons, e o valor que devemos dar a todos, sem exceção.

*“Porque o corpo não é um membro, mas muitos. Se o pé disser: Porque não sou mão, não sou do corpo; nem por isso deixará de ser do corpo. E se a orelha disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; nem por isso deixará de ser do corpo. Se o corpo todo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? Mas agora Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis. E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Agora, porém, há muitos membros, mas um só corpo. E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós. Antes, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; e os membros do corpo que reputamos serem menos honrados, a esses revestimos com muito mais honra; e os que em nós não são decorosos têm muito mais decoro, ao passo que os decorosos não têm necessidade disso. Mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela, para que não haja divisão no corpo” (1 Co 12.14-25a).*

A cena dos membros do corpo discutindo entre si, ou aquele órgão que se basta a si mesmo, é tanto didática como jocosa. Lembra os desenhos infantis, como da família Adams,

com aquela mão com vida própria, ou “Pink e Cérebro”, tentando conquistar o mundo! O texto é, sem dúvida, uma tremenda ironia, mas também uma crítica ao orgulho e preconceito dominante em muitos membros daquela igreja.

De fato, cada membro tem uma função precípua, específica e determinada por Deus para o funcionamento perfeito do corpo, o Corpo de Cristo. A compreensão dessa colaboração e solidariedade é um tremendo passo à frente na aceitação do plano divino. Mas, de fato, sempre tem havido uma rejeição dessa obra em conjunto por parte dos que se integram à igreja, e dos que os recebem. As “panelinhas e conchavos” dão testemunho dessa atitude mesquinha e preconceituosa.

Não à toa, Paulo insiste, agora seriamente, em confirmar a doutrina da funcionalidade do corpo, como metáfora perfeita do crescimento na fé e na prática dos membros da igreja, cada um cumprindo com sua responsabilidade. A interatividade é vital não apenas para que cada um realize a sua função, sem sobrecarregar o outro, mas para ajudá-lo, se alegrar com o outro; sofrer com o outro.

Faz seis anos passei por uma cirurgia craniana. Foi verificado que estava crescendo, entre o osso e a membrana chamada meninge, um corpo estranho que, pela sua localização, é chamado *meningioma*. O processo era para extirpar esse corpo estranho. Quando foi extraído, os neurônios que controlam o movimento de meu lado esquerdo foram afetados; morreram. Fiquei totalmente paralisado. Mas com fisioterapia, os movimentos da perna, braço e mão esquerdos começaram a reagir. A explicação dos especialistas é que outros neurônios entraram em ação, substituindo os que já não cumpriam sua função. Por isso é que a metáfora do corpo para representar a funcionalidade da igreja no cumprimento da sua missão é perfeita.

*“De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. Ora, vós sois corpo de Cristo, e individualmente seus membros. E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro mestres, depois operadores de milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres? São todos operadores de milagres? Todos têm dons de curar? Falam todos em línguas? Interpretam todos?” (1 Co 12.26-30).*

Por meio dessas sete perguntas retóricas, Paulo conclui sua argumentação. Permite que o leitor tire suas próprias conclusões. O recurso literário da pergunta retórica é perfeito para que o leitor interprete perfeitamente o seu significado, pois ela só permite uma resposta: NÃO! A partir daí, não há mais discussão sobre o assunto.

Agora, o que resta é trabalhar. Mãos à obra. Pois quem não trabalha, dá trabalho. Cada um sabe o que tem que fazer. E não sendo pesado para ninguém, ainda servirá de suporte àquele que está trabalhando a seu lado: *“Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo”*, ensina Paulo, ecoando o que já ensinava o resumo da Lei, que é o amor. E já que os irmãos da Galácia gostavam tanto da lei judaica, a ponto de estarem abandonando o genuíno evangelho, Paulo os conduz a uma nova interpretação, fundamentados agora na graça. E agora, que se faz imprescindível que cada um cumpra a missão para a qual foi implantado na boa terra do reino de Deus, espera-se que o fruto do Espírito cresça viçoso e abundante: *“O fruto do Espírito é: amor, alegria, paz,*

*longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas **não há lei***" (Gl 5.22,23).

A liberdade que o Espírito impõe não é algo amorfo, sem sentido nem rumo. Os dons são específicos, assim como o trabalho, real e objetivo. As qualificações para o desempenho de cada função pressupõem esforço, estudo, dedicação, aprimoramento. Dizem que Thomas Edison, o inventor, entre outras coisas, da lâmpada incandescente, afirmou que a genialidade, no fundo, é "10% de inspiração e 90% de transpiração."

O ministério de Capelania, juntamente com os demais ministérios da igreja, exige esta consagração do espírito e dedicação e esforço do corpo. Os frutos e a satisfação da obra bem feita provêm da obediência a Deus e a persistência no trabalho. A criança faz o que gosta; o adulto faz o que é preciso. Mãos à obra!

Na última parte deste livro, você encontrará os diferentes serviços de capelania evangélica presentes no Brasil. Traremos as informações que acharmos relevantes para seu conhecimento e despertamento de sua vocação. Não esgotaremos o assunto, já que a criatividade do obreiro vê oportunidade onde ninguém antes tinha visto, e a necessidade deste trabalho na sociedade atual é crescente, como crescentes são os conflitos humanos que pedem uma intervenção caridosa do cristão.

É o que veremos.

## Conclusões práticas sobre este capítulo, aplicáveis à Capelania.

- O ministério da capelania só pode ser eficazmente exercido após um intenso período de introspecção, meditação e autoanálise. Afinal, não pode haver dúvidas do chamado de Deus para o ofício. *“Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário; eu vos escolhi a vós outros, e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça...”* (Jo 15.16 a).
- Dessa forma, só é possível ir com a força que Deus dá: *“Sem mim, nada podeis fazer”* (Jo 15.5 c).
- O ministério cristão (incluído o da Capelania) precisa se desenvolver sempre sob a ótica divina – o chamado e o revestimento de poder e a ótica humana - o preparo, a estratégia, o objetivo. A segunda depende da primeira.
- Fazemos nosso trabalho com a convicção do nosso total esforço; o resultado é exclusiva ação de Deus.
- Quando foi estabelecida a missão de “servir às mesas” sob a responsabilidade dos apóstolos, ficou intrínseca a subordinação, a hierarquia de comando. Nenhum ministério cristão pode ser exercido sem esta consciência de subordinação eclesiástica. O controle de uma instância superior e colegiada é salutar para me manter humilde, sabendo que de tudo devo prestar contas; porque me faz consciente da dependência de apoio, oração e sustento; porque reafirma a importância do Corpo e sua interdependência vital. *“Permaneci em mim e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo se não permanecer na videira; assim nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim”* (Jo 15.4).
- “Servir às mesas” indica função específica. Devemos identificar o que exatamente deve realizar um capelão,

sem invadir outras áreas que são competência e responsabilidade de outros ministérios.

- Assim como espero que minha missão seja valorizada e respeitada na igreja, do mesmo modo devo eu proceder com relação aos outros ministérios.

### **Questões para reflexão e análise**

- 1) Se nos primórdios da igreja, não se vislumbrava a necessidade de ministérios específicos para a ação da mesma no mundo, e por isso havia um movimento “de manada”, (ninguém tinha uma função específica), parece que hoje, apesar de tantos ministérios, o “efeito manada” continua.
- 2) O Pentecostes produziu um arrebatamento febril, um movimento amorfo e voluntário, uma catarse psicológica irresistível, uma santa utopia que não podia durar muito. Na história, vemos que os grandes avivamentos produziram efeitos similares. Mas a natureza humana não suporta tamanha euforia. A sensatez começa a ocupar o lugar do santo desvario. É nesse contexto que surgem os ministérios.
- 3) Nunca deixará de existir um confronto entre estrutura e conteúdo; entre a espontaneidade e o regramento; entre o leigo e o clero.
- 4) Como se ensina na hermenêutica, o cristianismo vive um conflito latente com relação ao Reino de Deus. A vida cristã depende do agir do Espírito; somos desafiados a viver a santidade de Cristo; mas nossa imperfeição latente é um empecilho contínuo para vivermos na plenitude do Reino. O Reino dos céus veio quando Cristo chegou, mas a

sua plenitude, ainda não. É o “já - ainda não”.  
Vivemos entre dois mundos.

- 5) A instituição de dois ministérios em Atos 6 parece ditar toda a missão da igreja. Koinonia na Palavra e diakonia nas relações mútuas.
- 6) Se os dons e talentos são uma dádiva divina, eles só podem ser exercidos numa dependência umbilical com a voz do Espírito. Se assim não for, os dons e talentos passam a ser desagregadores, motivos de divisão no Corpo.

## **Capítulo 6** **Preparando a bagagem**

*"Quem carrega flores na bagagem não sente o peso da vida."  
- Edna Frigato*

Este último capítulo irá abordar a bagagem própria e adequada para o capelão. Devo confessar, como não poderia deixar de ser, que sobre o assunto há muita literatura adequada. Ela será mencionada, tanto na bibliografia, como na seção própria de literatura recomendada. Afinal, graças a Deus, a igreja brasileira já há um bom tempo tem despertado para este importante ministério de misericórdia e evangelização.

As três grandes vertentes da Capelania – militar, hospitalar e escolar, têm produzido bom material, especialmente de preparo e treinamento, além de elaborar princípios que regulem a atividade, principalmente adaptando-a à realidade na qual será exercida, além dos aspectos legais que permitem se exerça a capelania dentro das leis do país e das instituições em foco.

Pensando nos aspectos mais amplos e genéricos da Capelania, apresentarei alguns aspectos essenciais para o bom exercício do ministério.

### **A - PREPARO INTELECTUAL**

1. O capelão evangélico deve ser formado em um curso e treinamento específico da capelania que pretende exercer. Isto é fundamental.
2. Um curso de nível superior é altamente recomendável, de preferência em humanas. Bacharelado em Teologia é imprescindível para algumas áreas da Capelania.

3. Por ser evangélico, deve ter um conhecimento bíblico e teológico suficiente para saber discorrer com segurança na doutrina cristã. Institutos bíblicos cumprem a contento esta função. O ideal é cursar um seminário, que substitui o curso superior, mencionado no ponto anterior.
4. É imprescindível que antes de exercer plenamente a Capelania, faça pelo menos um ano de estágio, sob a supervisão de um Capelão experimentado, e trabalhando sob a sua supervisão e mentoria.
5. É altamente recomendável a leitura de livros e textos referentes ao tipo de capelania que se pretende exercer.

## **B - PREPARO ESPIRITUAL**

1. Algumas denominações prescrevem a necessidade de que o postulante a um cargo eclesiástico, de ter pelo menos três anos de profissão de fé e batismo. É o que recomendamos.
2. Deve saber dar razão da sua vocação específica para a capelania. Não é necessário ser capelão para ser um bom cristão e cumprir a missão de evangelizar. A questão vocacional deve ser levada a sério para não haver frustrações, derrotas e desistência precoce.
3. “O Espírito Santo não tem medo de ser testado”, ouvi do Rev. Guilhermino Cunha, quando lhe perguntaram por que o candidato ao ministério devia passar por tantos testes, provas e entrevistas antes de ser encaminhado ao Seminário. A vocação é testada e aprovada na igreja da qual o candidato é membro. É na comunidade que a vocação se sobressai naturalmente. Os irmãos da igreja, e, mormente seus líderes

perceberão o talento e o dom despontar. Esta aprovação eclesialística da vocação tem tripla função: Reconhecê-la, autenticá-la e consagrá-la.

4. Intensa vida de oração, para se ter a convicção espiritual de que é da vontade de Deus iesse ministério.
5. Deve conhecer e dominar com segurança as principais doutrinas bíblicas, sabendo aplicá-las para as necessidades básicas do ser humano em conflito.

### **C - PREPARO EMOCIONAL E PSICOLÓGICO**

Neste ponto, agradeço a inestimável colaboração do Rev. Daniel Marcos Chamorro Vergara, pastor e analista.

1. É conhecido o ditado popular: “Enquanto mais conheço as pessoas, mais gosto do meu cachorro”. Em agosto de 1978, o general João Batista Figueiredo, presidente do Brasil, concedeu uma entrevista sobre seu grande apreço pelos cavalos; um repórter perguntou se o presidente gostava do “cheiro do povo”. Figueiredo respondeu: *“O cheirinho do cavalo é melhor”*. Se o temperamento e personalidade do candidato à capelania são similares, melhor desistir. É conhecida a forma como o presidente Figueiredo terminou seu mandato, pedindo a um repórter: *“Peça ao povo que me esqueça”*. Se você é introvertido e tímido, dificilmente se dará bem na capelania.
2. A maturidade, mais de experiência do que de idade, é pré-requisito para o exercício da função. (*Vide capítulo 2*). Afinal, toda a atividade do capelão pode ser resumida a saber ouvir, saber pensar, saber falar.
3. A reflexão sobre a situação requer alto grau de isenção. Examine sinceramente os preconceitos que traz na

- bagagem, e busque minorá-los ao ponto de não influenciar em sua avaliação da situação.
4. Uma personalidade que mostre simpatia e empatia equilibrada permite conquistar a confiança do consultante/aconselhado.
  5. É necessário refletir quanto ao preparo do capelão nesta área, imaginando quais situações demandarão mais a sua capacidade de reflexão e aconselhamento: Problemas de relacionamentos familiares em geral? Conjugais? Problemas com filhos? Com colegas? Financeiros? Espirituais? Religiosos?
  6. Avaliar a capacidade e maturidade de reconhecer como autoridade os fundamentos filosóficos da Missão e Visão da organização eclesial à qual está subordinado como capelão.
  7. Reconhecer a necessidade dessa subordinação como base para seu treinamento específico nas áreas mais básicas e capilares da capelania que escolherá como sua vocação.
  8. Reconhecer a validade e necessidade de curso específico na área de aconselhamento pastoral. Um manual clássico e atual na área é o livro de Gary R. Collins – “Aconselhamento Cristão, edição século XXI”, da Editora Vida Nova; outro livro recomendado é “O Conselheiro Capaz” de Jay e Adams, publicado pela Editora FIEL.

## **D - CÓDIGO DE ÉTICA EM CAPELANIA**

A palavra ética vem do grego “ethos” e significa costumes e práticas que são aprovadas por uma cultura. A ética é a ciência da moral. A ética tem a ver com as normas sob as quais homem e sociedade vivem.

Ética cristã são os princípios estabelecidos e considerados pela teologia bíblica, com o objetivo de tornar os

ensinamentos da Igreja como padrões para agir na sociedade, nos relacionamentos interpessoais e na vida. A fonte básica da ética cristã é a Bíblia; daí a importância do estudo da hermenêutica para saber interpretá-la. De qualquer maneira, pressupõe-se que seguir os ensinamentos de Jesus, o Cristo, seja qual for a linha interpretativa, é o que caracteriza um tipo de comportamento humano. Esta ética é resultado, assim, da forma de ver e entender o mundo – a cosmovisão cristã.

*"Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória. Mortificai, pois, os vossos membros, que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, a afeição desordenada, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria; pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência" (Cl 3.1-6).*

Mais do que proibições e permissões, como vemos, são os princípios basilares da vida espiritual e suas expectativas que regem a conduta do cristão.

Falando-se em termos de profissão, Ética pode ser definida como: "O conjunto de princípios morais pelos quais o indivíduo deve orientar o seu procedimento na profissão que exerce".

## **Capítulo 7** **Definindo o rumo**

*"Tome um rumo diferente do de costume, e quase sempre estará certo". - Jean-Jacques Rousseau*

Deus é criativo. Ele chama aqueles que conhece e os coloca no lugar que lhe apraz, capacitando-os a realizar a obra para a qual os escolheu. A história de Paulo, na segunda viagem missionária em que tencionava ir para um rumo que definira, mas Deus indicou-lhe outro, ilustra perfeitamente esta questão.

*"Paulo e seus companheiros viajaram pela região da Frígia e da Galácia, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na província da Ásia.*

*Quando chegaram à fronteira da Mísia, tentaram entrar na Bitínia, mas o Espírito de Jesus os impediu. Então, contornaram a Mísia e desceram a Trôade.*

*Durante a noite Paulo teve uma visão, na qual um homem da Macedônia estava em pé e lhe suplicava: "Passe à Macedônia e ajude-nos". Depois que Paulo teve essa visão, preparamo-nos imediatamente para partir para a Macedônia, concluindo que Deus nos tinha chamado para lhes pregar o evangelho" (At 16.6-10 (NVI).*

Em maior ou menor grau, todo cristão enfrenta, se não todos os dias, pelo menos alguma vez na vida, a perplexidade de descobrir que o rumo que escolhera foi modificado por Deus. E a escolha própria nem sempre pode ser questionada

como egoísta, definida por questões humanas. Houve oração intensa, meditação, as opções foram colocadas na mesa, houve sincera ação de fé na encruzilhada que se abria à frente, e, de repente, Deus muda tudo!

Casos como o de Moisés, os profetas Jeremias, Amós, Jonas, Pedro, André, Timóteo e tantos outros, ilustram este ponto. Homens de Deus, sinceros, conscientes da missão, mas de algum modo, confrontados a examinar suas escolhas e decisões à luz de um novo enfoque, uma nova realidade que se descortina, antes não muito visível e clara. *"Assim diz o SENHOR: Ponde-vos à margem no caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso para a vossa alma..."* (Jr 6.16). Paramos, puxamos o freio de mão, e ouvimos com mais clareza a voz do Espírito: *"Teus ouvidos escutarão uma palavra atrás de ti: 'Este é o Caminho, segui-o já!'"* (Is 30.21 KJ atualizada). Jesus ensinaria seus discípulos a aceitarem ser guiados pelo *Paráclitos: "O Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas..."* (Jo 14.26a NVI).

Nessa dinâmica do meu discernimento e o querer divino se esconde tanto o livre arbítrio como o projeto eterno. Não tenhamos medo de decidir, mas sejamos humildes em reconhecer que podemos fazer planos e escolher nosso rumo, mas a Deus cabe sempre a última palavra. E Ele irá confirmando, passo a passo, o que deseja que façamos em favor de Seu Reino.

Quando Cristo entregou a Pedro as chaves do Reino, autorizando-o a abrir e fechar segundo a sua compreensão do que devia ser feito, impôs-lhe nesse instante o dever de estar atento à vontade de Deus que, conforme lhe apraz, abre e fecha primeiro, no Seu Reino: *"Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus"* (Mt 16.19). Enquanto mais fina esteja a nossa sintonia com o Pai,

mais acertaremos; erraremos menos. E nessa logística espiritual, aprenderemos que para acertarmos, devemos orar com profunda devoção: “*Que se faça a tua vontade em mim, como ela é feita nos céus*” (Mt 6.10, adaptação minha).

Isso tudo não impede que, na tentativa sincera de acertar, terminemos errando e tenhamos que recomeçar; e quantas vezes esse processo se repetir, Deus estará conosco, e nós, no mais comedido método científico de “tentativa e erro”, iremos aprendendo e crescendo.

Então: Qual é a Capelania com a que mais me identifico? Onde posso ser útil no trabalho do Senhor? A Igreja Presbiteriana do Brasil, tanto para responder a esta pergunta pessoal, como para organizar sob “o guarda-chuva” de uma estrutura facilitadora, criou o ‘Conselho Presbiteriano de Capelania – CPC’. Este material procura ser um meio, nesse “guarda-chuva”, para orientar os candidatos nessa decisão.

Assim, neste último capítulo você vai encontrar muitas das opções de Capelania que existem atualmente no Brasil. As necessidades espirituais e as oportunidades que surgem, portas que se abrem permitem que haja sempre a possibilidade de descobrir novas fronteiras de trabalho.

## CAPELANIA MILITAR

Seguindo os passos da história, a primeira Capelania a surgir no Brasil foi a **Militar**, consequência natural de suas origens na Europa (como abordamos brevemente na introdução).

O primeiro pastor evangélico a servir os militares brasileiros foi o alemão luterano Friedrich Christian Klingelhöffer, pastor da Comunidade Protestante Alemã, na localidade de Campo Bom, no Rio Grande do Sul, em 1828. Dez anos depois Klingelhöffer, integrado aos “Farrapos”, morreu em um combate da Revolução Farroupilha. Outro

pastor luterano que prestou assistência aos soldados, em particular para os Voluntários da Pátria da Colônia Alemã de Três Forquilhas, que seguiram para os combates da Guerra do Paraguai, foi o reverendo Carl Leopold Voges.

A Capelania Militar Protestante, como um serviço interno junto ao Exército Brasileiro, foi organizada somente em 1944, com a intermediação da entidade interdenominacional já extinta, chamada Confederação Evangélica do Brasil que, em conjunto com o Governo Brasileiro, visava assistir os militares evangélicos que iriam para a Itália, já no fim da Segunda Guerra Mundial.

Os dois primeiros capelães militares protestantes do Brasil foram o pastor metodista Juvenal Ernesto da Silva, e o batista João Filson Soren, ambos atuando na Segunda Guerra Mundial, servindo à Força Expedicionária Brasileira entre 1944 e 1945.

O primeiro capelão militar protestante que chegou à chefia do Serviço de Assistência Religiosa - SAREx - do Exército Brasileiro foi o luterano Elio Eugênio Müller, no ano de 1998. Este cargo tinha sido sempre exercido por católicos desde os tempos do Império em que o catolicismo romano era a religião oficial do Brasil. O cargo de chefia do SAREx integra todos os capelães, tanto católicos como protestantes, num acordo interconfessional ecumênico permanente, permitindo assim a harmonia entre os diferentes credos.

## **CAPELANIA HOSPITALAR**

Capelania não é um termo moderno. É o nome dado aos serviços religiosos e pastorais prestados por sacerdotes, diáconos, religiosos, pastores, outros agentes/ministros, leigos e leigas especialmente envolvidos com a área da saúde em hospitais, instituições psiquiátricas, asilos e sanatórios. Por

extensão, também se entende uma presença religiosa/pastoral junto aos doentes em seus domicílios. A ICAR (Igreja Católica Apostólica Romana) denomina essa pastoral com o termo Pastoral da Saúde ou dos Enfermos.

Tal ministério, exercido em instituições hospitalares e em domicílios, em prol dos enfermos e idosos e todas as pessoas com eles relacionadas, incluindo também os profissionais da saúde, confortando-os e ajudando-os a lidar com a enfermidade, a aceitar o tratamento indicado e, também os prepara até mesmo, para a morte, no caso de doentes terminais.

O ministério de Capelania Hospitalar visa levar a fé, a esperança e o amor (cf. 1 Co 13.13), é o aperfeiçoamento da fé com obras (cf Tg 2.22), e trata de serem ovelhas de Jesus (cf Mt 25.33-36). Logo, fundamenta-se nessa base essencialmente bíblica. Exercer tal ministério é levar o toque do amor de Deus aos necessitados, através da nossa instrumentalidade.

Sabemos das dificuldades colocadas por parte das Instituições de Saúde, no que se refere à visita pastoral de Capelães bem como de agentes da Pastoral da Saúde como diáconos, religiosos(as), agentes leigos de pastorais etc. Sabemos que um hospital tem suas normas, contudo, mesmo no rigor delas, tem-se que, com bom senso, abrir possibilidades para que a visita e assistência espiritual sejam garantidas. Hospitais inteligentes até cobram essas visitas, pois sabem que, sendo a pessoa um todo indivisível, o bem que a assistência religiosa faz ao enfermo.

Daí a importância, em se tratando de Capelania ou Pastoral da Saúde Hospitalar, ter um bom e claro entendimento com a direção da instituição, no sentido de evitar dificuldades e mal-estares. Objetividade e imparcialidade de ambos os lados, fazem bem.

Um estudo feito nos Estados Unidos da América do Norte demonstrou que 63% de médicos e enfermeiros de UTI

acreditam ser um papel importante o dos Capelães e Agentes da Pastoral da Saúde, com suas palavras e atitudes, prover-lhes conforto nas tensões do seu dia a dia. Outros 37% acreditam que Capelães e Agentes da Pastoral da Saúde deveriam ser mais disponíveis para ajudar essas pessoas (médicos, enfermeiros e outros envolvidos), ouvindo-os, orientando-os.

Daí se desprende que a atenção ao ser humano deve ter um caráter “holístico”, de completude. A expressão “holístico” surge da junção em inglês antigo da palavra “whole” (íntegro) e de “heal” (curar). Há uma terceira palavra que contribui para seu significado mais profundo: “hale” (são). Então, “holístico” é curar de forma completa, integral – corpo, alma e espírito. Incluir o aspecto familiar e social é também parte da preocupação da Capelania Hospitalar. Os capelães Damy Ferreira e Lizwaldo Mario Ziti, em seu livro “Capelania Hospitalar Cristã” afirmam:

*“Nos dias atuais, há vários esforços na área da saúde no sentido de tratar a saúde do ser humano na sua integridade ou globalidade. E tem sido desse esforço que se tem chegado à conclusão do valor do aspecto espiritual no tratamento das enfermidades. Isto é, além do aspecto físico, psicológico e social, chega-se à conclusão de que o lado espiritual é importante neste conjunto. Se recuarmos na história, vamos descobrir que o tratamento das enfermidades começou com a religião. Os sacerdotes eram os grandes ‘médicos’ ou terapeutas e os templos, não raro, faziam as vezes de hospitais. [...] basta lembrar o papel do sacerdote judaico, como aparece na Bíblia, principalmente no que se refere à lepra (hanseníase). E aí já podemos constatar a assistência religiosa e espiritual*

*juntamente com a arte de curar a enfermidade física, numa perfeita objetivação do homem integral.” (pág. 22).*

A medicina científica, como a conhecemos, começou com Hipócrates, em 460 a.C. O seu juramento é recitado pelos formandos em Medicina até hoje, na Colação de Grau, nas nossas faculdades de medicina.

O imperador romano Constantino, no ano 335, fechou os hospitais pagãos, cheios de superstições, encantamentos e diversas divindades, incentivando a abertura de hospitais cristãos.

Só no início do séc. 20, a medicina e a ciência em geral abandonaram a religião, desvinculando-se de tal maneira dela, que não só foi laica, mas declarou-se ateia.

Interessante comentário a respeito tem o Dr. Regis de Moraes, mencionado por Vera Lúcia Rezende, na sua obra “Reflexões sobre a vida e a morte”, da editora da Unicamp: “*O século 19 é denominado por historiadores da filosofia como ‘o século do materialismo’.* [...] *E nós, homens e mulheres do séc. 21, somos herdeiros diretos dessa pletera de materialismos. Principalmente o meio universitário foi profundamente marcado pela visão materialista, a ponto de não querer discutir qualquer outra alternativa, a ponto de nutrir elegantes preconceitos contra uns poucos espiritualistas que lograram sobreviver nesse meio”.*

Somente no final do século 20, começou a surgir com certa evidência um movimento entre os especialistas na área de saúde que valorizam a espiritualidade na abordagem de cura de pacientes. Enfim, a conclusão é que a medicina precisa de Deus.

Os legisladores estão entendendo esta abordagem, a ponto de terem surgido leis que favorecem o doente, suprindo-lhe a assistência espiritual nos hospitais. Assim, são assistidos na sua fé no período de internação hospitalar.

O CAISM, Centro de Atenção à Saúde Integral de Mulher, departamento especializado do Hospital da UNICAMP, em Campinas, SP, foi um dos pioneiros em entender este aspecto espiritual, mantendo há 27 anos uma Capela ecumênica e o serviço de Capelania espiritual, além de ter possibilitado um Curso específico de Capelania Hospitalar em caráter de extensão universitária.

A ciência médica já começa a concluir os benefícios que uma assistência espiritual ao doente propicia. E estes benefícios vão além, incluindo a família, o hospital e a comunidade.

Atualmente e já por muitos anos, a Capelã Eleny Vassão, no comando do ministério de 'Capelania da Saúde' é uma das maiores e melhores referências no Brasil, neste campo da Capelania Hospitalar. Eles oferecem muitos cursos para leigos, profissionais de medicina e pastores que queiram atuar de forma compromissada no cuidado de enfermos e no trabalho junto à hospitais e outras organizações que cuidem da saúde.

Os profissionais da saúde, médicos e enfermeiras, às vezes experimentam tensão ao trabalhar com os pacientes e familiares. Esta tensão aumentou recentemente porque mudanças econômicas provocaram a diminuição dos profissionais, aumentando a carga horária e o trabalho. Capelães podem oferecer cuidado espiritual a eles, encorajando os pacientes e as suas famílias a enfrentar períodos mais longos de internação e permitindo assim que os profissionais de saúde prestem atenção a casos de urgência, que evidentemente são prioritários.

Capelães fazem um papel importante ajudando profissionais de saúde a enfrentar os seus problemas pessoais. A palavra encorajadora pode aumentar a moral e o discernimento do pessoal. Um estudo feito em 1996 concluiu que 73 % de médicos de UTI e enfermeiras reconhecem que o capelão faz um grande benefício com seu apoio espiritual,

ajudando-os no bom desempenho de seu trabalho médico, e 32 % entendem que os capelães deveriam estar disponíveis para ajudar o pessoal quando enfrentam problemas pessoais.

Os serviços de capelães e voluntários beneficiam os hospitais pelo menos em nove itens.

- 1) Os capelães e voluntários ajudam hospitais a satisfazer as expectativas dos pacientes com serviços de cuidados espirituais competentes, compassivos, enquanto melhoram assim a imagem do hospital.
- 2) Em uma época de medicamentos de alta tecnologia, hospitalizações breves, e breves contatos com os médicos e outros profissionais de saúde, os capelães e voluntários oferecem uma das poucas oportunidades para os pacientes discutirem as suas preocupações pessoais e espirituais.
- 3) Os capelães e voluntários se especializaram na área de capelania por meio de cursos feitos em organizações profissionais. Podem oferecer curso de visitação a voluntários das igrejas. Estes participantes, uma vez treinados sendo voluntários, podem prestar cuidados espirituais sem custo para a instituição hospitalar.
- 4) Os capelães e voluntários estabelecem e mantêm relações importantes com os pastores e religiosos da comunidade, ampliando a rede de apoio e reconhecimento do trabalho.
- 5) Os capelães e voluntários fazem um papel importante mitigando situações de estresse de pacientes e seus familiares, com relação ao hospital e seus funcionários. Quando pacientes ficam nervosos e impacientes, os capelães podem mediar estes intensos sentimentos,

permitindo preservar valiosos recursos organizacionais que podem ser aplicados ao objetivo final do hospital. A presença da Capelania e seu trabalho servem como um veículo para reduzir riscos de atrito e estresse de lado a lado.

6) Os capelães e voluntários podem reduzir e prevenir o abuso espiritual, agindo como guarda para proteger os pacientes de proselitismo. Códigos de ética profissional estipulam que os capelães têm que respeitar as convicções de fé e práticas de pacientes e famílias.

7) Os capelães e voluntários ajudam os pacientes e seus familiares a definirem suas convicções de ética e moral, orientando-os a escolher tratamentos e procedimentos no fim da vida, comunicando esta informação ao pessoal de saúde.

8) Os capelães e voluntários ajudam os hospitais a desenvolver a sua missão, valor e justiça social, ao promover a cura para o corpo, mente e espírito. Especialmente com relação a hospitais confessionais, fortalecem a consciência de missão.

9) Os capelães e voluntários ajudam os hospitais a cumprirem todo tipo de cuidado espiritual e apoio para os pacientes e seus familiares, assunto para o qual os profissionais da saúde não foram treinados. Desse modo, o hospital termina oferecendo ao paciente e sua família um serviço completo em favor da cura e da qualidade de vida.

Adicionalmente, o trabalho de Capelania Hospitalar ajuda até na diminuição de custos operacionais. Uma

pesquisa a respeito, feita pela equipe Yankelovich Partners, Inc., no ano de 1997, revelou que 75% dos executivos de Administração Hospitalar informaram que a espiritualidade, tanto pela oração pessoal, como pela meditação e a prática religiosa, impactou todo o sistema hospitalar com um senso de bem-estar pessoal e coletivo, refletindo em economia financeira.

Uma área que se pode considerar na Capelania Hospitalar é a Capelania Asilar, quando capelães dedicam-se especialmente no cuidado de idosos residentes em instituições de residenciais para idosos. O Rev. Ailton Gonçalves Dias Filho, Capelão Asilar do Benaiah, um residencial para idosos em Americana/SP, é muito experiente nesta área e uma referência neste campo de atuação.

## CAPELANIA ESCOLAR

A capelania escolar faz parte da ampla gama de possibilidades de exercício do ministério de ***diakonia cristã***. Ela é, em termos de antiguidade e amplitude, a terceira capelania em ação no Brasil. Sua área de atuação inclui as atividades de ensino infantil, fundamental, médio e universitário, abrangendo as escolas públicas. A Capelania Escolar ou Universitária demonstra a fé em atitudes e estratégias práticas por meio de gestos solidários, de solidariedade nas lutas do cotidiano com relação às dores da alma e na proclamação do Evangelho das Boas Novas de Cristo.

Lamentavelmente, por razões políticas e filosóficas, tanto com relação à atividade educacional como eclesial, o trabalho de Capelania Escolar tem diminuído nestes últimos tempos, justamente agora em que se constata o crescimento da crise de obediência e os desafios de autoridade, tanto na

família, no ambiente educacional e na sociedade em geral. Neste ambiente dissoluto, a colaboração da capelania muito ajudaria a solucionar ou suportar.

Esta realidade tem sido constatada entre os evangélicos, especialmente entre as próprias denominações com escolas confessionais:

*“As escolas cristãs não estão cumprindo o aspecto de sua missão evangelizadora e pastoral, que estava na gênese de sua criação e no sonho dos pioneiros que as fundaram, e que as diferenciavam das outras escolas seculares. Estas têm sido as afirmações de alguns líderes batistas nas Assembleias convencionais estaduais, de que as escolas batistas não têm evangelizado como em outros tempos. Em outros termos, elas não têm evidenciado tanto sua confessionalidade como desejado por eles. A preocupação não se restringe ao ambiente batista. Em outras denominações, como Presbiteriana e Metodista, suas lideranças têm mostrado semelhante preocupação. Há um movimento de maior identificação denominacional e confessional crescente nessas escolas, a começar por assumir o nome denominacional, como os presbiterianos na razão social ou nome fantasia de suas instituições educacionais. Segundo a Associação Brasileira de Instituições Educacionais Evangélicas (ABIEE), que congrega as associações de escolas adventistas, presbiterianas, metodistas, batistas e luteranas, cerca de 60% dos alunos matriculados nas escolas confessionais evangélicas não são evangélicos” (Fonte: Walmir Vieira, Capelania*

## Escolar - Desafios e Possibilidades - Rádio Transmundial).

Percebe-se, por essa informação, que as famílias buscam, sejam crentes ou não, as escolas confessionais, sabendo que vão encontrar uma instituição que, no seu entender, leva a sério seus postulados de fé, transformando-os em norma de vida e pedagogia. Entendem que nessas escolas denominacionais pode haver uma ajuda em meio a seus problemas com relação ao processo de criação e formação de seus filhos, e aos conflitos inerentes a esse processo. Essa ajuda, com certeza, não é oferecida por instituições laicas, públicas.

As crises são de todo tipo; crises espirituais, emocionais, éticas, sociais e existenciais que afetam famílias, alunos e escola. Deste modo, podemos dizer que a escola é o maior campo missionário dos nossos dias. Ao nos aproximarmos dela, conhecemos uma realidade desafiadora. Professores, diretores e pais estão esgotados em busca de soluções para seus conflitos e dificuldades para educar seus filhos e alunos. A Capelania Escolar é o ministério que oferece a melhor possibilidade para exercer o pastoreio, consolo e apoio confiável para que os pais e educadores tenham uma luz espiritual que lhes ofereça autoridade real para lidar com as crianças e adolescentes.

O mundo pós-moderno, com seu famigerado slogan pseudoliberal "é proibido proibir", criou esse estado de coisas. Os pais perderam o rumo, os professores estão intimidados pelo afã beligerante do governo, querendo legislar até na intimidade dos lares. Hoje é terminantemente proibido que pais e professores sejam enérgicos com seus filhos e alunos. Não há dúvida que o espancamento dos filhos indefesos, por sua fragilidade física merecem toda a proteção que o Estatuto da Criança e do Adolescente fazem muito bem em proteger; mas essa nova geração precisa urgentemente

de parâmetros éticos e morais para terminar fazendo diferença salutar em nossa sociedade. É nessa situação anômala que a igreja estende seus braços de amor e evangelização, oferecendo a nova vida em Cristo e suas benditas e salutares consequências na criança, na escola, na família, e como consequência natural, na sociedade.

Ao olharmos hoje a sociedade moderna, percebemos que está doente em seus fundamentos éticos e morais. A corrupção, os desmandos de todo tipo, a arrogância dos ricos, a submissão forçada dos pobres, a desobediência civil que grassa por toda parte revela essa doença que acomete as próprias estruturas da civilização. Como cristãos, diagnosticamos com certa facilidade essa doença: Pecado, resultado de uma vida sem Deus.

A Igreja, como agência missionária de Deus, só pode cumprir a sua missão se conseguir encontrar a forma de sair ao mundo. E uma delas, excepcional, é olhar para a Capelania Escolar.

Devido a esta realidade inquestionável, a Capelania Escolar termina sendo compreendida, de forma errônea, como a panaceia que resolveria todas essas perplexidades da vida familiar e social, tal como muitos pais imaginam ter a igreja essa fórmula mágica de colocar seus filhos “na linha”. Evidentemente, a expectativa é maior que as condições e as possibilidades do serviço que as igrejas e os profissionais capelães podem atender. Mas isso não impede, assim como a própria caminhada cristã, que nos esforcemos por buscar alvos cada vez mais ambiciosos no trabalho eclesialístico e de Capelania Escolar.

Olhando mais de perto a realidade educacional de nossos dias, vemos que os alunos que enfrentam problemas familiares e crises pessoais normalmente apresentam baixo rendimento, desinteresse pelos estudos, baixa autoestima, indisciplina, revolta, comportamentos violentos, atos beligerantes de tendência criminosa. A capelania precisa estar

apta a lidar com esses comportamentos e reações que acontecem no ambiente escolar, e saber trabalhar com uma equipe multidisciplinar (psicólogos, pedagogos e médicos) na busca de soluções para eles. Portanto, a capelania que atua no ambiente escolar deve assumir algumas estratégias para tentar atingir seus objetivos, como por exemplo:

- a. Por meio das aulas de Ensino Religioso (ou Educação Cristã);
- b. Por meio dos cultos com os alunos;
- c. Por meio do aconselhamento pastoral;
- d. Por meio da presença solidária nos velórios e sepultamentos;
- e. Por meio dos cultos especiais nas formaturas e outras cerimônias escolares relevantes;
- f. Por meio das visitas aos enfermos nos lares e hospitais;
- g. Por meio da avaliação de material didático à luz dos princípios ético-morais que norteiam nossa fé.
- h. Por meio de participação efetiva e prática junto às associações de pais e mestres.

Por isso, há que se pensar que o trabalho de capelania não se concentra só nos alunos, mas inclui todo o pessoal, profissional ou não, que lida com o aluno. A equipe docente, os funcionários, e as famílias dos alunos, afinal, todos os que se envolvem no processo educativo, enfrentam desafios e conflitos nas esferas pessoal e familiar. Mesmo que o trabalho de capelania não consiga dar resposta a todos os desafios que lhe aparecem neste serviço espiritual e social, cabe ao capelão ao menos ter consciência da complexidade do que se espera dele. Dessa maneira, munir-se de ferramentas adequadas e de bons contatos com profissionais da área é

fundamental. (Fonte: Walmir Vieira, Capelania Escolar - Desafios e Possibilidades RTM)

E o ministério de Capelania Escolar vai além do “profissional”. Todo cristão recebeu de Deus um dom especial – viver e falar de Jesus, como sal e luz do mundo, que deve ser usado para transformar a vida e a realidade das pessoas. Você pode colocar seu dom a disposição de Deus para servir como voluntário em uma escola. É muito importante que você participe de um treinamento para saber os desafios e oportunidades das escolas em nossos dias. Ainda que seja um funcionário de uma empresa e não tenha todo o dia livre, mesmo assim todo cristão que sentir no coração pode ser um capelão.

É verdade que Capelania e tempo de qualidade andam juntos, entretanto, qualquer cristão desejoso de fazer a Obra do Senhor, pode atuar neste ministério de várias formas:

- a) Pode dedicar um turno por semana em uma escola. Neste caso, é importante definir com a direção os dias e horários em que ela poderá contar com sua presença. Essa atuação, ainda que pequena, trará grandes resultados.
- b) Pode ser um mediador na escola. Esta função permitirá que membros das igrejas de sua cidade estejam atuando em caráter voluntário dentro de suas especialidades. Por exemplo: Um médico pode ministrar uma palestra por mês com temas que venham a interessar aos pais, professores, alunos e funcionários da escola. Um policial cristão pode ministrar palestras dentro da escola falando dos riscos das drogas e suas consequências. Outros dons podem ser aplicados dentro dessa forma. É bom lembrar que todas essas ferramentas virão acompanhadas de uma aplicação espiritual.

É possível dedicar todo o tempo livre sendo capelão em uma escola. Nesse sentido, é até possível que haja alguma ajuda financeira.

Hoje há algumas possibilidades de fazer Capelania com ajuda financeira:

- Trabalhar em escolas: particulares, confessionais e públicas. Nas duas primeiras possibilidades o capelão é, geralmente, um funcionário remunerado pela própria instituição.
- Os capelães em escolas públicas devem ter seu próprio sustento, que pode vir:

a) Da sua aposentadoria.

b) Da sua família que o enviará como missionário.

c) De uma igreja que fará parte do projeto “Adote uma Escola”.

d) De uma junta missionária.

e) De uma organização de Capelania, que lhe dará o treinamento necessário e a remuneração conforme o tempo dedicado à obra.

Via de regra, o Capelão de uma escola pública passa a ser, em muito pouco tempo, uma pessoa respeitada. Seu ministério influenciará toda a comunidade escolar e seus familiares. A Capelania Escolar é uma grande ferramenta para a evangelização dos nossos dias. Paralela à evangelização, a Capelania é uma grande estratégia para a transformação do ser humano em seu múltiplo perfil, a saber: físico, psicológico e social. (Fonte: “O que é Capelania Escolar”, do Pr. Marcio Alexandre, Diretor da Convenção Batista Mineira)  
Estes três serviços de Capelania – Exército, Hospitalar e Escolar, são os mais antigos e representativos do que a

Capelania Evangélica pode exercer como benefício à sociedade. Mas com o tempo, verificou-se a possibilidade e necessidade de inúmeras outras possibilidades de aplicar os princípios do Evangelho e da Capelania a outras instâncias, onde a sociedade se organiza e interage nas suas atividades.

A seguir, você encontrará várias dessas possibilidades para exercer o trabalho missionário de Capelania, distribuídas ao longo das estruturas sociais e econômicas que você encontra no Brasil.

## CAPELANIA ESPORTIVA

A principal organização pluriesportiva com orientações de Capelania é **Atletas em Ação**. Seu lema é “**Esporte com caráter, integridade... e santidade**”. É o ministério esportivo da organização paraeclesialística **Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo**, sediada no município de Praia Grande, SP. O meio esportivo, pela sua peculiaridade da competição, cria possibilidades a todo instante de quebrar as regras esportivas para alcançar a vitória: subornos, drogas, *dopping*, desonestidades dentro e fora do campo da competição para ultrapassar o adversário e ganhar o troféu, o prêmio, a fama, a glória, a riqueza. A justificativa rasteira de que “os fins justificam os meios” domina neste meio de alto desempenho e competitividade. A ilicitude, a imoralidade, a falta da palavra empenhada, o ardil e outras formas de ludíbrio são um desafio constante nesta atividade de alto rendimento, sacrifício e superação.

Subir ao pódio, ganhar a medalha, atingir mais pontos quebrando as regras da competição devem ser atitudes a ser combatidas. O princípio olímpico deve ser buscado: “**O mais importante é competir**”. O que se incentiva é o “*fair play*”, o jogo limpo, o jogo justo, o espírito esportivo. Alcançar a vitória nesta competição provoca constantemente no *player* o dilema

do certo e errado, do lícito e o ilícito, do verdadeiro e do falso... O caráter e a moral do competidor são testados antes, durante e depois do embate. Sempre haverá, no íntimo, a frustração de não ter alcançado o sucesso pelos próprios méritos, mas pela trapaça. É que cremos que o ser humano foi feito à imagem e semelhança de Deus, carregando em si o senso infalível da moral, do bem e do mal, mesmo que o pecado tenha manchado, diminuído essa capacidade. Esse padrão do justo e honesto está impresso em todo ser humano. Então, perante o tribunal divino, somos considerados culpados, quando deliberadamente quebramos esses padrões que em público, e por vezes, em juramentos e declarações exigidos nas competições esportivas assumimos como nosso padrão e compromisso. Por baixo da aura de vitorioso e bem-sucedido no esporte, sempre haverá a insatisfação, a baixa autoestima, a angústia até, quando essa vitória for alcançada por meios ilícitos.

É nesse ambiente de competitividade e grande aparência e ostentação – afinal a vitória e o sucesso são muito valorizados pela sociedade - que reina, camuflado, o maior vazio existencial. Não há dinheiro e popularidade que dê conta de equilibrar o peso de consciência de viver uma fraude.

O trabalho de Capelania quer trazer à tona esse desequilíbrio, e propor uma solução: a submissão ao padrão de virtude e santidade que Deus requer de seus filhos. Esse padrão de vida superior leva em conta a santidade, a integridade, a honestidade e o caráter do atleta. Estamos sugerindo aqui o trabalho que desenvolve a entidade antes mencionada – **Atletas em Ação**. A linguagem bíblica de Paulo é oportuna dentro do ambiente esportivo: “*Se Deus é por nós, quem será contra nós?*” (Rm 8.31). O atleta é levado a entregar sua vida a Cristo, tendo-o como líder e Senhor de sua vida. Esta é a única forma de vencer a tentação da trapaça e do ludíbrio nesse ambiente competitivo do esporte.

A estratégia de abordagem e orientação é desafiar o atleta com o seguinte questionário:

1. Você tem gasto tempo diariamente nas Escrituras e em oração?
2. Seus pensamentos têm sido puros? Você tem resistido à luxúria, pensamentos malignos – ou tem se exposto a materiais explícitos?
3. Você tem estado acima de qualquer censura em seus assuntos financeiros?
4. Você tem gasto tempo de qualidade em seus relacionamentos com sua família e amigos?
5. Você tem dado os seus 100% no trabalho, estudos, família etc.?
6. Você tem usado a sua palavra para edificar ou para destruir os outros ou a si mesmo? Você tem se exposto à fofoca ou tem contribuído com ela? Você tem honrado a sua palavra? Você contou alguma meia verdade ou mentira, colocando-se assim, numa melhor luz para aqueles que estão ao seu redor?
7. Você compartilhou o Evangelho com algum incrédulo esta semana?
8. Você tem cuidado de seu corpo através de exercício diário e hábitos alimentares adequados?
9. Você tem permitido que alguma pessoa ou circunstância roube de você a sua alegria?
10. Você mentiu hoje para nós em qualquer de suas respostas?

Este questionário dá bem a noção do trabalho que a liderança do movimento decidiu dar às questões de comportamento cristão conforme o padrão evangélico mais restrito. A ideia que prevalece é que se estas questões comportamentais e da prática da fé forem inculcadas com

esmero, as questões da ética do esporte serão mais facilmente equacionadas.

O preconceito contra os atletas evangélicos tem aumentado, o que tem provocado a criação de normas antiproselitismo e até de limitação de manifestações mais evidentes de fé e propaganda durante as competições. O que mais se evidenciou neste sentido foi a proibição de comemorar vitórias mostrando a camiseta por baixo, com dizeres de propaganda da fé do atleta. O argumento da legislação é que nessa hora o patrocinador do time ou do atleta espera ver sua marca em evidência, e não de uma religião particular. O que tem sido visto costumeiramente é o atleta apontar os olhos e mãos para o céu, em atitude de louvor e gratidão.

Isto tudo mostra o desafio desta capelania, tanto em lidar com o pessoal do atleta, como de sua inserção em organizações religiosas de cunho específico como denominacional. Daí sua ênfase em desafios motivacionais, em forma de *insights*, tais como:

“O sucesso nunca é final; a derrota nunca é fatal”. Joe Paterno

“Quando você comete um erro, há três coisas que você deve fazer sobre ele: Admiti-lo como erro; aprender dele e não cometê-lo de novo”. Paul “Bear” Bryant

“O fracasso é somente a oportunidade de começar de novo de maneira mais inteligente”. Henry Ford

“Se você não fez grandes sacrifícios, será muito mais fácil desistir, porque você terá pouco a perder. Todos os que desistem, são bons perdedores. Quando você desiste uma vez, é mais fácil desistir uma segunda vez”. Howard Ferguson

“Não engane a si mesmo com atalhos”. Ken Norton

Por outro lado, o aspecto devocional (e até doutrinário) não é esquecido. Com ênfase no crescimento espiritual num ambiente normalmente hostil, competitivo e materialista como é o esporte, a organização preparou um roteiro de estudo

bíblico chamado **O Plano de Jogo de Deus**, dividido em duas partes.

### **Como louvar**

- Qual é o seu propósito? Conhecê-lo e torná-lo conhecido! (Fp 3.8,10; 2 Co 5.17-19).
- Quem é sua plateia? Deus, Aquele que lhe deu as habilidades para atuar (2 Co 5.7-10; Hb 11.1,6).
- Em que fonte de poder você está confiando? A carne o motivará a agir para receber a glória. Por outro lado, o Espírito vai capacitá-lo a agir para que Deus receba a glória (Gl 5.16-18).
- No que você está se focando? (2 Co 4.18; Hb 12.1,2).
- Quão audivelmente você vai agradecer a Deus por seu desempenho? (Cl 3.17).

### **O firme fundamento**

- *“... e pode humilhar aqueles que andam na soberba”* (Dn 4.37b).
- *“Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?”* (1 Co 4.7).
- *“Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais agora vos aperfeiçoando na carne?”* (Gl 3.3).
- *“Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo coração, como para o Senhor, e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor é que estais servindo”* (Cl 3.23,24).

- *“Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas só um leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo atleta em tudo se domina; aqueles para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar” (1 Co 9.24-26). (Fonte: opúsculo da entidade **Atletas em Ação**, Brasil, 1991)*

## CAPELANIA EM DESASTRES

Na cosmovisão cristã, o Criador que intervém no caos disse: “Haja luz!” Diante da Sua majestade e Seu propósito tudo foi criado e ordenado. Criou o ser humano para Sua glória e deu a ele a incumbência e capacidade de cuidar da criação. A maior catástrofe que poderia haver no universo ocorreu com a entrada do pecado no mundo causando a queda do ser humano e desorganização da criação. Desde então, separação, dor, sofrimento, morte e muitos outros efeitos até então desconhecidos entraram na história.

As pessoas são expostas aos desastres vivenciados individual e/ou coletivamente sendo frequentemente desafiadas à análise e resposta às situações desencadeadoras de crises que se agravam de maneira multidimensional.

Mas o que são Desastres? A Estratégia Internacional para Redução de Desastres (EIRD) da ONU define desastre como: [...] uma séria interrupção no funcionamento de uma comunidade ou sociedade que ocasiona uma grande quantidade de mortes e igual perda e impactos materiais, econômicos e ambientais que excedem a capacidade de uma comunidade ou a sociedade afetada para fazer frente à

situação mediante o uso de seus próprios recursos.  
(ESTRATÉGIA..., 2004, p.13-14)

Sendo assim, como colaborar em programas de gerenciamento de resposta a desastres? Quais os recursos necessários para que a Igreja de Cristo seja realmente sal e luz, refúgio e instrumento de transformação para a glória de Deus? Como interferir em processos de perdas e luto de maneira relevante para gerar vida através da assistência espiritual e religiosa em contexto de desastres?

Segundo a Defesa Civil, Resposta “é toda ação que visa mitigar os danos sofridos em decorrência de desastres” e o poder público conta com a participação da comunidade. A Igreja de Cristo deve, de maneira misericordiosa, ética e competente colaborar significativamente para minimizar danos, dor e sofrimento, reconciliando pessoas com Deus, consigo mesmas, com o próximo e com o meio ambiente.

Para a OMS (Organização Mundial da Saúde) e ONU (Organização das Nações Unidas), a integralidade do ser humano deve ser reconhecida e atendidas as demandas de suporte nas dimensões biológica, psíquica, social, familiar e espiritual.

Sendo assim, temos o dever de responder ativamente através de ações que previnem e reduzem danos, confortam, aumentam o grau de resiliência, promovem e conduzem pessoas à dignidade humana, proclamando assim o Reino de Deus e Sua justiça.

A Capelania em Desastres é a prestação de assistência espiritual e religiosa reconhecendo o corpo de Cristo, organicamente vivo como instrumento de Deus para comunicar o Seu amor, a misericórdia e justiça na sociedade em que está inserido, tendo como pilar a Palavra de Deus, seja em desastres naturais, tecnológicos, crises humanitárias ou de qualquer outra ordem, somos chamados a apontarmos para Aquele que é abrigo, lugar seguro, fazendo de nossas comunidades, nossas igrejas, escolas, instituições, casas e

nossas vidas manifestação real de cuidado do Deus Criador. Deus que enviou Seu próprio Filho na maior missão de resgate que o mundo já vivenciou. Esta é a principal mensagem da capelania, seja qual for a área de atuação.

A Capelania em Desastres visa o preparo de pessoas e igrejas para acolhimento, cuidado e suporte espiritual a pessoas vítimas de desastres, familiares, profissionais de saúde e comunidade em geral.

Para isto, deve promover ações que capacitem líderes, pastores e suas igrejas para planejamento, organização, execução e avaliação de intervenção preventiva, de recuperação ou de mitigação de danos através da assistência espiritual e religiosa em situações de perdas e luto provocadas por crises e desastres, em que tornam-se agentes na:

- 1) Promoção de ações que fortaleçam a fé, a esperança e a resiliência de pessoas e comunidades, aumentando o nível de adesão a tratamentos de saúde e/ou projetos de recuperação física, emocional, social e espiritual individual e coletivamente.
- 2) Identificação de contextos, riscos e recursos;
- 3) Acionamento de prestação de serviços de avaliação e Socorro;
- 4) Estruturação e manutenção de abrigos;
- 5) Prestação de assistência espiritual e religiosa durante atendimento da saúde e da segurança nas situações de perdas e luto;
- 6) Planejamento e realização de aconselhamentos individuais e coletivos, devocionais, cultos, homenagens, rituais de separação, etc.
- 7) Estimulação do cultivo e compartilhamento de valores e princípios éticos, tendo a Palavra de Deus como referência.

É um traço de identidade da Capelania em Desastres trabalhar em parceria com pessoas, órgãos e instituições que promovem ações de intervenção em desastres como Defesa Civil, hospitais, SAMU, Corpo de Bombeiros, dentre outros, tanto para assistência quanto para o preparo de pessoas e igrejas objetivando o acolhimento, cuidado e suporte espiritual à vítimas de desastres, familiares, profissionais de saúde e comunidade em geral.

Nosso resgate espiritual através de Jesus deve ser vivenciado com gratidão, valorização da Vida e pregação do Evangelho com ações e com palavras a começar em nós, na nossa casa, rua, bairro, cidade, até que o mundo saiba pelo amor manifestado no cuidado integral as Palavras de Vida Daquele que reconciliou em Si todas as coisas e disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”

A Igreja Presbiteriana do Brasil se preocupa em cuidar de pessoas para a glória de Deus. Este é o papel também da Capelania em Desastres, conforme a Capelã Elizabeth de Assis Pavão, membro do Conselho Presbiteriano de Capelania. (Fonte: site do Conselho Presbiteriano de Capelania - CPC).

## **CAPELANIA PARLAMENTAR**

A Capelania Parlamentar nasceu como necessidade premente, onde em um país de dimensões continentais como o Brasil, se constata em suas cidades, passarem sistematicamente pelo processo de eleição de seus representantes políticos como vereadores, deputados estaduais, deputados distritais e federais bem como seus senadores, escolhendo pois homens dos mais diversos seguimentos sociais, que recebem votos dos milhares de cristãos que o Brasil possui, e certamente dependem e

trabalham muito para gerar conhecimentos de adquirir a confiança dos votos dos cristãos.

A Capelania Parlamentar é um instrumento voluntário de aconselhamento e suporte, cujo fundamento encontram-se delineados nos princípios bíblicos da fé cristã. Tem como propósito oferecer não só aos parlamentares nas Câmaras Municipais, Estaduais e Federal, mas aos funcionários e familiares dos mesmos em seu cotidiano, um apoio espiritual diante da constante pressão e preocupações com o cotidiano, o equilíbrio espiritual dentro do Poder Legislativo.

Assim é que, a Capelania dará aos Parlamentares nos diversos âmbitos, parecer sobre questões ética e moral, religiosa e espiritual dentro de uma cosmovisão cristã, à luz da Escritura e perspectiva de Deus, mantendo constante atividade com orações e estudos bíblicos quando solicitado e autorizado.

Hoje a Capelania Parlamentar funciona oficialmente com um Capelão indicado pela Frente Parlamentar. Os objetivos delineados primariamente estão sendo colocados em prática e acredito que, outros colegas pastores em Brasília poderiam atuar nesta frente sem que houvesse uma ideia de partidarismo com aquele capelão sendo um parlamentar, o que daria maior isenção a função.

O deputado Paulo Freire PR/SP foi indicado pela Frente Parlamentar Evangélica a assumir a Capelania no Congresso Nacional. A Capelania tem como missão atuar na Câmara dos Deputados e no Senado Federal por meio de um deputado capacitado que leva amor, conforto e esperança aos demais parlamentares e servidores das duas Casas legislativas através do atendimento espiritual, emocional e social.

Uma das principais atuações do capelão é dirigir o culto que acontece toda quarta feira em um dos Plenários da Câmara dos Deputados. A reunião semanal de adoração a Deus se inicia as 8h30 da manhã e se estende até as 9h45 quando as Comissões Permanentes iniciam seus trabalhos.

Para o deputado Paulo Freire, o fato de cada parlamentar iniciar o dia adorando a Deus e entregar a Ele a direção de todas as ações do dia a dia, tem feito da Frente Parlamentar Evangélica uma Frente vitoriosa nos grandes embates políticos que decidem a vida nacional sem perder de vista os preceitos bíblicos para o povo brasileiro”.

## **CAPELANIA EMPRESARIAL**

‘Capelania Empresarial’? O que é isso? - A “Capelania Empresarial” é um serviço proativo de “apoio, trato da espiritualidade e aconselhamento” voltado ao que é mais importante em uma empresa, ou seja, as pessoas que nela trabalham, comprometendo-se sempre com a visão integral do ser humano. As empresas associadas recebem o apoio de capelães que visitam o local de trabalho regularmente e buscam ajudar seus funcionários e familiares em assuntos relacionados ao dia-a-dia e às crises pessoais, assistindo-os com genuína preocupação cristã. A Capelania Empresarial é também conhecida como ‘Capelania Institucional’ ou ‘Capelania Corporativa’.

O serviço está focado em beneficiar os funcionários e a própria empresa assim que o capelão inicia suas atividades, sempre objetivando o aprimoramento do bom ambiente relacional no trabalho. Alguns frutos possíveis poderão ser: maior sentimento de lealdade para com a empresa e mais compromisso com suas metas, melhor avaliação dos funcionários em relação à supervisão, sentimentos crescentes de team, melhora na produtividade geral pela redução do absenteísmo e turn-over com conseqüente diminuição dos custos de treinamento e manutenção do know-how. Esses resultados poderão ser percebidos pelos itens de controle da empresa a partir dos serviços prestados pela “Capelania Empresarial”, visto que todos eles estão relacionados

intimamente com sentimentos de maior de valorização do ser humano tal como percebidos pelos funcionários. Entendemos que o mundo corporativo é laico, portanto não confessional ou religioso, mas que pode e deve conviver com a pluralidade das expressões de fé de seus participantes. Assim, esta é a razão pela qual o trato da espiritualidade no ambiente empresarial não deve ter no proselitismo um princípio e não deve ser utilizado a serviço de igrejas ou grupos religiosos. As opções de crença dos componentes desse ambiente corporativo, devem ser guardadas como fonte de motivação e não de conflitos.

A competitividade existente no meio empresarial pode causar um considerável nível de stress emocional nas pessoas que nele estão envolvidas, o que gera diferentes oportunidades para o exercício de um ministério de aconselhamento e de apoio pessoal, sempre comprometido com a ética e os princípios cristãos, que são também universais. Além disso, situações de solidão, carência afetiva, tédio, ruínas relacionais, vazio d'alma, falência moral e percepção de impotência perante os males da vida, devem também motivar o carinho por parte de um cuidador que se envolva empática e verdadeiramente com as pessoas. Empresas têm investido na melhora do ambiente laboral em diversas frentes, inclusive abrindo espaço para reflexões sobre a espiritualidade humana, sempre como um estímulo adicional à produtividade global. Dessa forma, surge na administração moderna uma boa oportunidade para a consideração do trabalho sério de “capelania dentro das empresas”, assunto este que, em outras épocas, jamais seria cogitado. Deduz-se que o trabalhador será, tanto mais produtivo e criativo na empresa quanto mais feliz, equilibrado e satisfeito estiver dentro e fora do seu ambiente de trabalho.

## CAPELANIA PRISIONAL OU CARCERÁRIA

A maioria das organizações religiosas que visitam os cárceres é cristã, e em especial evangélica. Apesar disso, nem todas as tradições protestantes possuem trabalhos consolidados nas várias unidades prisionais do país. Isso se deve, talvez, ao preconceito que ainda vigora – infelizmente – em boa parte das nossas comunidades de fé. Afinal, muitos dizem que não deveríamos nos preocupar com “bandidos”, mesmo diante da clara determinação bíblica em sentido contrário (Mt 25.36).

Para que tenhamos ideia, a própria legislação reconhece a assistência religiosa como um direito do encarcerado (Lei nº 7.210/84, art. 11, VI). Além disso, o Tribunal de Justiça de Minas Gerais já decidiu que “a religião é necessária e imprescindível na reeducação do condenado, constituindo um dos fatores decisivos na ressocialização e reinserção deste na convivência com a sociedade”.

Contudo, cada Estado possui certa autonomia para disciplinar esse trabalho das igrejas. E aí surgem problemas, como restrições ao número de visitas semanais, ausência de locais próprios para a assistência religiosa e até imposição de ecumenismo. Tais entraves, dentre outros, podem provocar o desânimo da equipe voluntária, dificultando ainda mais o processo de ressocialização do preso.

Por isso é extremamente importante que os voluntários conheçam quais são seus direitos e deveres, e quais os argumentos para que sejam superados os obstáculos que se levantam a cada dia. E foi pensando numa padronização nacional, e no respeito aos direitos dos capelães, que elaboramos o Projeto de Lei nº 2.979/15, que tramita na Câmara dos Deputados.

Mas mesmo que superadas as questões legais, ainda resta muito a ser feito.

Pouquíssimas são as igrejas que possuem projetos de assistência religiosa aliados à garantia dos demais direitos dos presos, como os relativos à saúde e à educação. Em alguns casos, a equipe visita o mesmo pavilhão apenas uma vez ao mês, e ali permanece por apenas 15 ou 30 minutos.

Some-se a isso o fato de que as mensagens anunciadas quase nunca são diferenciadas em face do público-alvo. Certa vez um capelão, diante de um preso do regime fechado que se contristava pelo fato de estar detido, disse “daqui a pouco você está saindo”. Esse capelão, que sequer perguntou quanto de pena ainda havia a ser cumprida naquele regime, teria como resposta “mais de dois anos”. Como esse preso se sentiu ao ouvir um “daqui a pouco você está saindo” com “mais de dois anos” de regime fechado para cumprir? A fala do capelão lhe proporcionou algum conforto emocional ou espiritual, ou o fez enxergar o período de aprisionamento com outros olhos? Certamente que não!

Portanto, precisamos que os voluntários conheçam os presos, realizando atividades individualizadas. Só assim poderemos pensar em algum compromisso institucional, fundado na evangelização e no discipulado (Mt 28.19), com o devido acompanhamento da vida e dos ideais daqueles que queremos assistir espiritualmente.

**Antonio Carlos da Rosa Silva Junior** é coautor do livro “Como Anunciar o Evangelho entre os Presos”.

## CAPELANIA PORTUÁRIA

As informações abaixo, sobre o tema Capelania Portuária, foram obtidas no site da CBC – Convenção Batista Carioca - <https://missoesrio.com.br/capelania-portuaria/>.

A prática da Capelania Portuária pode ser aplicada também aos portos secos existentes no interior do Brasil; neste caso o trabalho seria dirigido aos caminhoneiros, da

mesma forma como é dirigido, por exemplo na região do Rio de Janeiro, aos marinheiros.

Visão - Dignificar e fortalecer a vida dos marinheiros ao redor do mundo.

Missão - Oferecer cuidados e serviços pastorais aos tripulantes à bordo dos navios na costa, independentemente de suas nacionalidades ou religiões. O ministério exerce a caridade no sentido cristão da palavra, com objetivo de providenciar ajuda prática ao marinheiro.

Com este trabalho de capelania portuária objetiva-se:

- Visitação nos navios;
- Realização de culto cristão;
- Visitação aos marinheiros presos ou hospitalizados;
- Ajuda em comunicação (correio, telefone e internet);
- Aconselhamento e assistência na resolução de problemas
- Atividades recreativas (esportes e jogos, passeios turísticos, etc.);
- Fornecimento de revistas, livros, vídeos e DVDs;
- Transporte gratuito de ida e volta ao porto;
- Acesso aos recursos da comunidade (shopping, hospital, supermercado etc.);
- Acesso às notícias do país de origem do marinheiro;
- Provisão de roupas e de alimentos, quando necessário;
- Distribuição de Bíblias e de literatura cristã.

## **CAPELANIA POLICIAL MILITAR**

Damos a seguir algumas informações relativas à organização chamada PMs de Cristo que atua junto à Polícia Militar do Estado de São Paulo. As informações foram extraídas do site desta organização.

A Associação dos Policiais Militares Evangélicos do Estado de São Paulo - PMs de Cristo - nasceu na Academia de Polícia Militar do Barro Branco (APMBB), no bairro da Água

Fria, Zona Norte de São Paulo. Ali, durante anos, cadetes da PM sentindo a necessidade de compartilhar suas dificuldades e experiências pessoais com Deus, começaram a se reunir semanalmente, para cultuá-Lo e meditar em Sua Palavra.

Essa iniciativa foi se tornando mais consistente a cada dia, até que, em 1992, inspirados na história bíblica de Neemias (homem que mobilizou as famílias de Israel para a reconstrução dos muros de Jerusalém), 74 policiais militares, oriundos de várias denominações, se uniram para oficialmente fundar a “Associação dos Policiais Militares Evangélicos do Estado de São Paulo”, conhecida como PMs de Cristo.

A Associação é formada por policiais militares de diversas denominações que, em parceria com a comunidade evangélica, colaboradores e voluntários, de forma abnegada, pela fé, atuam em favor da valorização da figura humana do PM.

Os PMs de Cristo atuam em todo o Estado de São Paulo por meio de Núcleos nas unidades policiais, onde capelães voluntários, militares ou civis, realizam em conjunto com líderes PMs locais as reuniões semanais “Momento com Deus”, com reflexões bíblicas e orações, visando o fortalecimento da fé e a melhoria do ambiente de trabalho e da qualidade de vida.

Também promovem eventos, como cultos e ações de graças, vigílias, campanhas de oração, encontros temáticos, dentre outras ações, em parceria com as igrejas e lideranças evangélicas.

Principais braços da Associação, os capelães dos PMs de Cristo dedicam-se a prestar apoio aos policiais necessitados e com problemas pessoais. Fazem aconselhamentos, visitas, celebram casamentos, ofícios fúnebres, dentre outras atividades.

Pioneiros e de caráter singular, os PMs de Cristo conquistaram o respeito e o reconhecimento do Comando da Polícia Militar, bem como das mais expressivas lideranças

religiosas e seculares, pelos significativos serviços prestados à sociedade.

Ao longo de sua história, os PMs de Cristo conduziram vários projetos e ações para alcançar, cada vez mais, a família policial-militar de São Paulo. Em 2015, a Associação deu um importante passo neste sentido ao implantar o Projeto Polícia e Igreja, que tem aproximado a comunidade evangélica da Polícia, tendo como base os preceitos de Polícia Comunitária.

Por meio deste projeto, os PMs de Cristo alcançaram em 2017 todas as 22 regiões da PM em SP, divididas em comandos regionais do interior, Grande São Paulo e capital. São mais de 500 igrejas de diversas denominações que participam do projeto, de forma voluntária.

Na prática, os PMs de Cristo promovem encontros com Comandantes da Polícia Militar, em diferentes regiões do Estado, com lideranças evangélicas locais dispostas a somar forças à Missão dos PMs de Cristo, como voluntários em ações de capelania, mediação de conflitos e apoio a prevenção primária do crime.

Pastores e demais colaboradores são treinados pela Associação para prestar assistência espiritual e emocional e a mobilizar suas igrejas para interagir de forma produtiva com a Polícia Militar, visando o bem comum e a melhoria da qualidade de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos que o projeto inicial de Deus para o homem sempre foi o campo. Contudo, o homem prefere a cidade. Deus acaba por respeitar a decisão humana.

No relato do Gênesis, a cidade tem origem em Caim. O ambiente urbano, ao longo dos anos, tem produzido os piores pecados estruturais de nossa sociedade. O que fazer? Como auxiliar o homem em seu ambiente urbano, de sua escolha e decisão? Diante da escolha do homem, Deus então, tem um projeto dele para a cidade: a igreja. Cremos que a igreja é o projeto de Deus para a cidade. Sua missão tem a ver com a restauração da imagem de Deus, ofuscada pelo pecado, no cidadão.

Assim, cremos que o ministério da Capelania se apresenta, como uma preciosa ferramenta para que a igreja cristã cumpra sua missão no ambiente onde ela está inserida. Sendo sal da terra e luz do mundo, seu agir na sociedade precisa caracterizar-se por relevância. A exemplo do Senhor Jesus Cristo, Senhor e Cabeça da igreja, a comunidade cristã é serva. Está no mundo a serviço. É comunidade capelã. Mais do que nunca precisamos ser uma igreja lava-pés e não uma igreja que lava as suas mãos. A Capelania é parte inerente e essencial de sua missão.

Neste sentido, inúmeras portas estão se abrindo à ação da igreja quanto ao ministério da Capelania. Cabe à igreja tão somente ocupar estes espaços e cumprir sua missão. A capacitação primeira já nos foi dada, em Atos 2. As demais capacitações, importantes também, devem se seguir, para que tenhamos uma igreja capacitada, treinada e pronta para sua missão. Neste sentido, este livro, é mais uma ferramenta

que poderá auxiliar os inúmeros capelães espalhados pelo Brasil, nas mais variadas Capelânias.

Que seja assim!

## BREVES CURRÍCULOS

Rev. Osvaldo Abraham Chamorro Vergara.

Sou chileno. Sou presbiteriano. Sou corintiano. E isso poderia ser tudo o que você precisa saber sobre mim! Porém, também sou professor de música formado no Chile; sou nascido em Chillan, de pais evangélicos.

Enquanto muito pequeno, meus pais, meus irmãos e eu, viemos ao Brasil, onde meu pai estudou Teologia no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas/SP.

Anos depois, foi minha vez, após casar-me, de vir ao Brasil, para também estudar no mesmo seminário onde meu pai estudou. Nunca mais voltei ao Chile, para morar. Aqui em solo tupiniquim, construí minha família e desenvolvi meu ministério.

E entre idas e vindas, para rever a família, pastoreando diversas igrejas presbiterianas e ministrando aulas e cursos para vários seminários, de variadas denominações evangélicas, acumulei a experiência e portfolio que coloco à disposição dos irmãos.

Que Deus os abençoe!

### Ministério Pastoral

Pastor na IP Cidade Nova, S. Barbara d'Oeste/SP - 2004-2016. Encerrei meu ministério nesta comunidade, após doze anos de dedicação e pastorado.

Pastor na IP do Antônio Zanaga, Americana/SP - 1999-2003. Uma pequena igreja, de bairro afastado, que precisava ser reestruturada... Para lá fui enviado!

Pastor na IP Central de Santa Bárbara d'Oeste/SP - 1993-1998. Fui convidado a reorganizá-la, e reconciliá-la com a igreja-irmã, a hoje conhecida Comunidade Sara Nossa Terra, gerada pela cisão nesta unidade da IPB.

## Formação

Escuela Normal de Viña del Mar, Chile - 1965-1972. Formação em Pedagogia, com especialização em Música para o Ensino Fundamental. Cheguei a trabalhar em escola pública da região de Santa Bárbara d'Oeste.

Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas-SP - 1974-1977. Cursei o Bacharelado em Teologia por esta instituição de ensino, sendo licenciado e ordenado Ministro Presbiteriano pelo Presbitério de Campinas.

Rev. Edilaney Duarte Gonçalves

Brasileiro, setenta e dois anos, casado com Shirley Madeira Gonçalves, somos pais de Talita, David e Larissa, os três casados, que nos presentearam com sete netinhos, todos crentes em Jesus Cristo.

Sou Engenheiro Mecânico, trabalhei por quarenta e cinco anos na indústria têxtil, onde vivi muitas experiências ligadas ao mundo corporativo. Quando estava prestes à ser aposentado, tive a visão de um ministério de Capelania Empresarial e passei a lutar por esse ideal. Preparei-me com diversos cursos na área de liderança, principalmente junto ao Instituto Haggai. Estudei Teologia no Seminário Presbiteriano do Sul, e, fui ordenado Ministro Presbiteriano aos sessenta e quatro anos, pelo Presbitério de Americana.

Fundei, juntamente com um grupo de irmãos, a Associação +1 Capelania Empresarial no Brasil e estamos atuando neste ramo, considerado como de missão urbana desde 2010.